



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARCIA REGINA GOBATTO

**IMPROVISações FORMATIVAS EM
ENCONTROS COM PROFESSORAS/ES-
FORMADORAS/ES**

UBERLÂNDIA/MG
2017

MARCIA REGINA GOBATTO

**IMPROVISAÇÕES FORMATIVAS EM
ENCONTROS COM PROFESSORAS/ES-
FORMADORAS/E**

Tese apresentada ao
Programa de Pós Graduação
em Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como
requisito parcial para
obtenção do título de Doutora
em Educação, na linha de
pesquisa Educação em
Ciências e Matemática.

Orientadora
Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho

UBERLÂNDIA/MG
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

G574i
2017

Gobatto, Marcia Regina, 1974-
Improvisações formativas em encontros com professoras/Es-
formadoras/Es / Márcia Regina Gobatto. - 2017.
195 f. : il.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

I. Educação - Teses. 2. Professores - Formação - Teses. 3. Educação
de crianças - Teses. 4. Prática de ensino - Teses. I. Carvalho, Daniela
Franco. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

IMPROVISAÇÕES FORMATIVAS EM ENCONTROS COM PROFESSORAS/ES- FORMADORAS/ES

Tese aprovada para obtenção de título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (MG), pela banca examinadora formada pelos membros assinados na página a seguir.

Uberlândia, 30 de Março de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho
Universidade Federal de Uberlândia - UFU



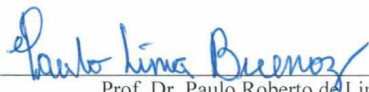
Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Profa. Dra. Fernanda Eugenio Machado
AND_Lab Arte-Pensamento e Políticas da Convivência



Profa. Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

**A nós
A ninguém e a todo mundo
A quem desejar**

A água passa por uma frase e por mim. Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos. A boca desarruma os vocábulos na hora de falar e os deixa em lanhos na beira da voz.

Manoel de Barros

Com Manoel de Barros e multiplicadas *Danielas* não consigo arrumar os vocábulos, o que aflora é só imensa gratidão. A vida não poderia ter me dado melhores encontros. Obrigada queridas!

Nós doze professoras/es-formadoras/es do Cefapro/MT, polo de Diamantino. Aqui há muita maceração de sílabas, inflexões, elipses, refegos em lanhos... Nós parceiras/os, companheiras/os, amigas/os... O melhor dos encontros! Obrigada gente!

As/aos sete leitoras/es e cooperadoras/es desta cartografia, transformadas/os em banca examinadora, hora de falar obrigada!

Pela companhia na caminhada daquelas/es que sempre estiveram, daquelas/es que

chegaram agora, daquelas/es que vieram de longe, daquelas/es que estão sempre por perto e daquelas/es que ainda não chegaram. Deixo minha gratidão à beira da voz.

Pela acolhida de sempre e por me permitirem pertencer a esta família, imensa gratidão aos doces encantos transformados em mãe, pai, irmãs, irmão, cunhada, cunhados, sobrinhas e sobrinho. Obrigada gente!

Água que passa e nos transforma e multiplica em masculino e feminino. Obrigada à vida que me deu *ZoéLua/LuaZoé*, que me presentearam com ternuras de (re)começos.

Gratidão à vida!

Amor fati!

Gelo liso é paraíso
Para quem sabe dançar
Nietzsche

Pré-texto

O nada [...] é coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc. etc. O que eu queria era fazer brinquedo com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use abandono por dentro e por fora.

Manoel de Barros¹

O nada das/os cartógrafas/os é o brinquedo da criança nietzschiniana, aquela que não necessita mais carregar o peso dos valores, aquela que aprendeu a criar seus próprios brinquedos, aquela que dança, mas também aquela que sabe que ora se comporta como camelo, ora também como leão. São as/os três juntas/os agindo na resistência e na (re)existência. Ritornelo! Ora, ora, ora... linhas de forças atuando na ética da ação. Forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas... as três atuando juntas no fio de uma cançãozinha. Ficar presa/o com seus próprios

¹BARROS, 2010, p. 327.

demônios. Desejar estar presa/o no eterno
retorno do demônio. No eterno virar da
ampulheta. Na eterna visita da/o
estrangeira/o. Resistir! (Re)inventar!
(Re)existir!

Sou um sujeito de recantos.
Os desvãos me constam.
Tem hora leio avencas.
Tem hora, Proust².

E acrescentam as/os cartógrafas/os às
palavras de Manoel de Barros:

Tem hora lemos Deleuze.
Tem hora, Guattari.
Têm hora os dois juntos.
Tem hora, Nietzsche.
Têm hora, os três juntos.
Têm hora, leitoras/es destes.
Tem hora lemos ninguém.
Tem hora lemos o nada.
Tem hora o nada nos lê.

²BARROS, 2010, p.339.

Improvisações formativas em encontros com professoras/es-formadoras/es

A intencionalidade principal da pesquisa se deu no desejo de cartografar nossos movimentos formativos enquanto doze professoras/es-formadoras/es do/com o Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica do estado de Mato Grosso (Cefapro/MT), movimentos estes que transbordam para tempos e espaços que vão além e aquém de seu território. Uma cartografia que buscou adentrar na movimentação molecular que tece o cotidiano, através de encontros. Encontros provocados pelo ritornelo, na intenção do desencadeamento da formação-ritornelo ou da dança-da-formação. Encontros que são composições de vida, um devir outro de nós mesmas/os, na tentativa de experimentar responder nossos questionamentos e angústias. Cartografia do acontecimento, do experimentar caminhos outros necessários para mover o pensamento e desencadear uma possível transformação da compreensão que temos hoje da palavra formação. Um movimento do caminhar com a formação, (re)inventando-a. Improvisação formativa.

Palavras-chave: Cartografia. Encontros. Formação. Ritornelo. Professoras/es-formadoras/es.

Formative improvisations throughout meetings with teacher educators

The aim of this research is to plot the formative movements of twelve teacher educators at the Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica (Training and Updating Centre for Basic Education Teachers) from the state of Mato Grosso (Cefapro/MT). These movements overflow time and space from this side and from that of its territory. This cartography sought, through meetings, to enter the molecular movements that intertwine the everyday life. The meetings were caused by a ritornello, with a view to unleash the ritornello-training-process or the training-process-dance. These meetings are the work of life. They are a series of transformations of ourselves in an attempt to try to answer our inquiries and relieve our anxiety. They are the cartography of the happening, of the other necessary roads experienced to change thoughts and to unleash a possible transformation of the understanding we have nowadays about the words 'training process'. A movement to walk along with the teacher training process, re-inventing it. Formative improvisation.

Keywords: Cartography. Meetings. Training Process. Ritornello. Teacher educators.

SUMÁRIO

Caderno 1 - Improvisações formativas em encontros com professoras/es-formadoras/es	15
Caderno 2 - Linhas de composição e a formação-ritornelo ou a dança-da-formação	35
Caderno 3 - Encontros em fotografias em poesias em músicas	57
Caderno 4 - Encontros	80
Caderno 5 - Dançando com a formação ...	144

**IMPROVISAÇÕES FORMATIVAS EM
ENCONTROS COM PROFESSORAS/ES-
FORMADORAS/ES**

(Com)posições iniciais

É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa.³

Uma escritura traz em si a potência do encontro com as *minorias*⁴, pois uma minoria nunca está lá, ela se constitui sobre as *linhas de fuga*⁵, que é também a potência da escrita, que começa tímida, em luto e em luta, pois a

³DELEUZE; PARNET, 1998, p. 56.

⁴Minorias, no texto advêm do conceito de *literatura menor*, a qual possui três características básicas, sendo que a primeira é a desterritorialização da língua; a segunda é que tudo nela é político e a terceira é que tudo toma um valor coletivo (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 35).

⁵“A linha de fuga é uma desterritorialização” (p. 49). “Uma fuga é uma espécie de delírio [...] Há algo de demoníaco, ou de demônico, em uma linha de fuga. Os demônios distinguem-se dos deuses, porque os deuses têm atributos, propriedades e funções fixas, territórios e códigos: eles têm a ver com os eixos, com os limites e com os cadastros [...] Sempre há traição em uma linha de fuga [...] Trai-se potências fixas que querem nos reter, as potências estabelecidas na terra” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 53).

produção de um texto é sempre a morte de outros textos, de outras escolhas.

Escrever é se instalar em linhas minoritárias a fim de inventar o inédito que reclama constelações de outros inéditos, sempre em movimento, sempre em processo de desterritorialização/territorialização (LINS, 2013, p. 73).

Na *cartografia*⁶ que segue, esperamos que tenhamos escolhido as palavras, as cenas e as ações construídas com os encontros para dizer o que tem que ser dito. Que nossos pensamentos e delírios e (com)posições do que repousa no indizível ou no gritável em nós possa trazer uma escrita ética. Uma escrita que passa a ser a própria experimentação criativa, o uso e a prática da linguagem, a própria experimentação do abandono, daquilo

⁶Mapas móveis ou cartografias são desenhos das paisagens e suas transformações, acompanhando-as. “A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos” (ROLNIK, 2014, p. 23).

que tenciona a fuga, indo ao encontro de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que nos propõem uma ética calcada no devir do mundo, cujo desabrochar inventa o próprio mundo a cada momento e a cada movimento. Um mundo que a todo o momento incita à migração, que pelo seu movimento intenso e contínuo, nos transforma em nômades ou sedentários em um eterno movimento criativo. Um movimento geográfico e não histórico. Um movimento como acontecimento, pois como nos ensina Gilles Deleuze em suas *Conversações* (2006), os *“devires tem muito mais importância que a história”*⁷. Uma cartografia, uma geografia das relações, que circunscreve devires, movimentos e repousos, intensidade de afectos⁸.

⁷ DELEUZE, 2006, p. 43.

⁸“Afecto em Deleuze, ao contrário do afeto, é uma potência totalmente afirmativa. O afecto não faz referência ao trauma ou a uma experiência originária de perda, segundo a interpretação psicanalítica. O afecto, ao qual nada falta, exprime uma potência de vida, de afirmação, o que aproxima

Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria) (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 73).

Assim nos colocamos como *cartógrafas/os*⁹ a desenhar nossos mapas formativos e experimentativos no Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica do estado de Mato Grosso (Cefapro/MT)¹⁰, mapas móveis que não são

Deleuze de Spinoza: na origem de toda existência, há uma afirmação da potência de ser. Afecto é experimentação e não objeto de interpretação. Neste sentido, afecto não é a mesma coisa que afeto: o afecto é não-pessoal” (LINS, 2005, p. 1254).

⁹”Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se forem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropólogo” (ROLNIK, 2014, p. 23).

¹⁰O Cefapro/MT é uma instituição ligada à Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer de Mato Grosso (Seduc/MT). Instituição essa responsável pela política de formação, sistematização e execução de projetos e programas da Seduc/MT, bem como pelo desenvolvimento

meros decalques, mas cartografia deleuziana/guattariana. Cartografia esta que traz como elementos constitutivos as relações entre velocidades e lentidões (longitudes) e o conjunto de afectos intensivos produzidos (latitudes).

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

Mapas móveis que constroem jogos¹¹ de interferência que instauraram uma prática de

de parcerias com o Ministério da Educação (MEC), Secretarias Municipais de Educação (SME) e Instituições de Ensino Superior (IES).

¹¹O jogo aqui é o do pensamento. O jogo do pensar/criar longe das trilhas habituais. “O pensamento que quer tornar sensíveis/sonoras, visíveis as forças que não são pensáveis por si próprias, imperceptíveis, é o pensamento do eterno retorno. Pensamento complexo que joga um jogo ideal, o jogo do Estilo” (GODINHO, 2008, p. 2).

novos estilos de vida e formação, escapando aos duros regimes de poder e de saber. Instaurando sabores. Vontade de potência. Querendo (re)inventar novas possibilidades de vida a partir do mesmo. O demônio do eterno retorno de Nietzsche¹²: *“Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes”*. Um eterno retorno que ultrapassa a obrigatoriedade do aceite passivo, e passa a ser a afirmação desse aceite: *“você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”*. Acolher e desejar aquilo que afirma a própria diferença, pois *“o mesmo só retorna para trazer o diferente”*¹³. *Amor fati!* Eis a ética nietzschiniana, que também é a deleuziana/guattariana, uma ética da resistência, da (re)existência, da experimentação e do confronto com aquilo que nos faz ir além, que promove a criação de

¹² NIETZSCHE, 2012, p. 205.

¹³ GODINHO, 2008, p. 2.

um outro mundo possível, no encontro com aquilo que há de mais leve em nós. Aquilo que nos faz *fugir*¹⁴, mas que é também aquilo que nos faz ficar. Que provoca o estabelecimento de novas relações com as repetições que disfarçadamente parecem apontar sempre para um mesmo lugar, porém se exercitarmos as práticas de atenção ver-se-á que não é bem isso, pois o que retorna com as fugas traz sempre algo de estrangeiro, que nos fará não sermos mais as/os mesmas/os.

No caminho escolhido, a ética é um cuidado permanente da singularidade e da potência de agir. Um esforço permanente de elevar a potência dos encontros, elevando assim o poder de *afectar*¹⁵ e ser afectada/o,

¹⁴“Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga [...] Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49).

¹⁵“O afecto não é a passagem de um estado vivido a um outro, mas o dever não humano do homem” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 224).

transformando os encontros formativos em potência de agir, que se espalha como potência de pensar, como potência de provocar e convocar sensações, nos tornando mais potentes do que realmente somos. Sempre querendo escapar das codificações impostas, suscitando acontecimentos que fogem ao controle. Encontros que se imponham como resistência e reinvenção. Que se imponham como experimentação. (Re)existência.

Temos consciência, no entanto, que a vida, a formação quando não problematizadas, quando não postas em movimento de singularização gira para a morte, em círculo mortal que prevê a reprodução de arquétipos. Que prevê o idealismo dos zumbis do sistema que codificam destinos, pois como nos diz Félix Guattari, nós as/os *“trabalhadoras/es sociais”* nos encontramos em uma encruzilhada:

ou vamos fazer o jogo da reprodução de modelos que não nos permitem criar saídas para os processos de singularização, ou, ao contrário, vamos trabalhar para o funcionamento desses processos na medida das possibilidades e dos agenciamentos que consigamos por para funcionar (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 29).

A potência para a ação vem dos bons encontros. Encontros que conclamam a experimentação. Encontros que alimentam a ética da formação, aquela que vai além das regras coercitivas da moral, embarcando em um modo de existência onde prevaleça a potência criativa da/o *professor/a-formador/a*¹⁶, pois

a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentais (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica (DELEUZE, 2006, p. 125).

¹⁶Professor/a-formador/a é a denominação atribuída às professoras e professores, das diferentes áreas do conhecimento, que atuam no Cefapro/MT.

Os modos de existência requerem também *estilos*¹⁷, que nada tem de pessoal, mas agem como novas possibilidades de vida, (re)invenções, que requerem ritmos outros, que a circundem. Assim a tessitura da pesquisa ou da cartografia que se segue não é simplesmente um falar sobre, mas um falar com nossos movimentos formativos, inventivos, criativos. Um fazer e um falar que torna o acontecimento não uma *metáfora*¹⁸, mas um constante querer, pois um *“fazer com, e não como, um falar com, e não sobre, é uma questão de interação, núpcias e alianças”*¹⁹.

¹⁷“Estilo é uma linha de fuga de variação contínua, uma linha de experimentação em que experimentar é apostar absolutamente, deixar o acaso invadir, romper todas as regras” (GODINHO, 2008, p. 17).

¹⁸Na filosofia da imanência não há metáforas, nem na vida nem na escrita, mas literalidade, porém o “literal em Deleuze não é sinônimo de sentido próprio em oposição ao figurado, mas é antes a subversão desta oposição, na proposta de um novo modo de escrever, ler, compreender” (MALUFE, 2012, p. 188). “Não há palavras próprias, tampouco metáforas (todas as metáforas são palavras sujas, ou as criam)” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 11).

¹⁹LINS, 2013, p. 126.

Buscamos alianças, composições de corpos, (com)posições de professoras/es-formadoras/es.

Encontros com professoras/es-formadoras/es com o *Cefapro/MT*²⁰, polo de Diamantino, que permitiram encontrarmo-nos para falar com a formação. Formação com o *Cefapro/MT*. Formação com a vida. Formação com professoras/es. Encontros que se deram no *Cefapro/MT*, mas nos possibilitaram *fugir*²¹ para outros lugares, tempos e espaços. Encontros que provocaram deslocamentos, (des)loucamentos²². Mudanças de mapas.

²⁰O *Cefapro/MT* está distribuído em 15 (quinze) municípios/polos por todo o estado de Mato Grosso.

²¹“Fugir não é exatamente viajar, tampouco se mover [...] as fugas podem ocorrer no mesmo lugar, em viagem imóvel” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 50).

²²Incitando uma loucura que não é a psiquiátrica, mas um devir outro. “Devir é o conteúdo próprio do desejo” (ZOURABICHVILI, 2009, p. 48). “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).

(Re)construção de mapas. Ora como nômades, ora como sedentários. Ora caçamos nossos alimentos, ora cultivamos a terra para produzi-los. Ora todas/os juntas/os. Ora em pequenos grupos. Ora solitárias/os. Encontrando-nos entre nossas velocidades e lentidões, ultrapassando-as. Afectando-nos.

A intencionalidade principal da pesquisa se deu no desejo de cartografar nossos diferentes movimentos formativos enquanto professoras/es-formadoras/es, que acontecem com o Cefapro/MT, mas que transbordam para tempos e espaços que vão além e aquém de seu território. Uma cartografia que busca adentrar na movimentação molecular que tece o cotidiano, através de encontros. Encontros entre velocidades e lentidões, sem julgamento, sem planejamento, mas apreciando o experimentável, descrevendo o cartografável.

Na busca do experimentável e do cartografável questionamentos surgiram: que formação é essa que tanto nos angustia, que nos faz desejar fugir, mas que nos faz ficar? Como transformar essa formação em criação? Como desencadear uma formação que inclua a ética como princípio? Como permanecer no meio e criar uma nova formação?

Estar no meio é estar a dançar, é experimentar a incerteza do espetáculo, é querer abrir possibilidades de andar por lugares desconhecidos, querer adentrar em algo que nos era/é inquietante: a formação, a experimentação ou o caminho formativo experimentativo trançado/vivenciado/habitado por nós, professoras/es-formadoras/es com o Cefapro/MT. Que caminhos construímos? Porque construímos estes e não outros? Que possibilidades vislumbramos? O que nos diferencia/singulariza? Porque algumas/ns

parecem tão inquietos e outras/os tão acomodadas/os?

Esses questionamentos possibilitaram a cartografia que se compõe de nossos encontros enquanto professoras/es-formadoras/es, buscando ultrapassar o conceito, transbordar a forma da formação como a conhecemos, na tentativa de sair das hierarquizações e das classificações enclausuradas dentro dessa palavra tão corroída. Essa tentativa nos pediu para nos desnudarmos, portanto não há codinomes, mas circunscrição de acontecimentos. Nossos encontros são composições de vida, um devir outro de nós mesmas/os na tentativa de responder questionamentos e angústias. De vivenciar e/ou experimentar caminhos outros necessários para mover o pensamento e desencadear uma possível transformação da compreensão que temos hoje da formação.

Um movimento do caminhar com a formação,
(re)inventando-a.

O texto que se segue é *Um*, porém ousamos
dividi-lo em cadernos, que desenham mapas,
fugas, conversas em tons ou alturas
diferentes. *Cartografias...*

O caderno 1, que você acabou de ler, leva o
título da pesquisa - *Improvisações formativas
em encontros com professoras/es-
formadoras/es*. É uma apresentação do que
segue. Agradecimentos. Intencionalidades.
Uma cartografia das sensações primeiras.

O caderno 2 - *Linhas de composição e a
formação-ritornelo ou a dança-da-formação* -
fala da formação em si ou o que pensamos
com a mesma, daquilo que tentamos
ultrapassar. Cartografia do experimento
teórico.

O caderno 3 - *Encontros em fotografias em poesias em músicas...* - são nossos experimentos coletivos através de fotografias, poesias e músicas. Elementos que embalam nossa travessia nos encontros. Cartografia afectiva.

O caderno 4 - *Encontros* - fala dos nossos encontros propriamente ditos ou do que experimentamos com os mesmos. Cartografia experimentativa. Cartografia improvisada.

O caderno 5 - *Dançando com a formação* - é uma construção coletiva de muitas mãos, um presente. Uma circunscrição de nossas aventuras formativas no Cefapro/MT. Cartografia coletiva.

Referências

BARROS, Manoel de **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

DELEUZE, Guilles **Conversações**. Tradução: Peter Pal Pelbart. 1ª Ed. 5ª Reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2006. (Coleção TRANS).

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix **O que é filosofia**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2ª Ed. 3ª Reimpressão. Revisão para 2ª Ed. Lucia Pereira de Lucena-Guerra e Ana Bustamante. São Paulo: Editora 34, 2004. (Coleção TRANS).

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 01. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução: Cíntia Vieira da Silva. Revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

GODINHO, Ana Eterno retorno e jogo ideal – o roubo do ideal. In **Nietzsche/Deleuze: jogo e música**. Org. LINS, Daniel e GIL, José. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

LINS, Daniel Manguê's school ou por uma pedagogia rizomática. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1229-1256, Set./Dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 28/10/2016.

_____. **O último copo: álcool, filosofia, literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MALUFE, Annita Costa Aquém ou além das metáforas: a escrita poética na filosofia de Deleuze. **Revista de Letras**. São Paulo, v.52, n.2, p.185-204, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/6645>. Acessado em 28/10/2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZOURABICHVILI, François **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009. (Conexões, 24).

**LINHAS DE COMPOSIÇÃO E A
FORMAÇÃO-RITORNELO OU A
DANÇA-DA-FORMAÇÃO**

Cartografia formativa

Indivíduos ou grupos, somos feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversas. A primeira espécie de linha que nos compõe é segmentária, de segmentaridade dura [...]. Ao mesmo tempo, temos linhas de segmentaridade bem mais flexíveis, de certa maneira moleculares [...]. Ao mesmo tempo ainda, há como que uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente.¹

Há toda uma geografia nas pessoas. Somos composição de mapas móveis com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga,... Linhas que se movimentam e se (inter)conectam e se transformam continuamente.

Somos um composto de linhas segmentárias. Linhas de segmentaridade dura e linhas de segmentaridade flexíveis. As linhas de segmentaridade dura são compostas pelas instituições como a família, a escola e o

¹DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145.

trabalho, estas são como pacotes que determinam certas atitudes e comportamentos. Porém, ao mesmo tempo, em que atuam as linhas duras, coexistem com estas outras linhas, mais flexíveis, com atuações *moleculares*², que *“traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos”*³. São de uma natureza outra que não a histórica. São linhas geográficas.

Uma profissão é um segmento duro, mas o que é que se passa lá embaixo, que conexões, que atrações e repulsões que não coincidem com os segmentos, que loucuras secretas e, no entanto, em relação com as potências públicas: por exemplo, ser professor, ou então juiz, advogado, contador, faxineira? (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146).

Coexiste com as linhas duras e flexíveis, ainda outra espécie de linha, a qual nos leva através do segmento, mas também nos

²“A ordem molecular é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.321).

³DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145.

conduz a lugares desconhecidos e não previsíveis, ou que ainda não existem. Lugares que precisam ser inventados.

Essa linha é simples, abstrata, e, entretanto, é a mais complicada de todas, a mais tortuosa: é a linha de gravidade ou de celeridade, é a linha de fuga e de maior declive (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146).

As três espécies de linhas são imanentes e emaranhadas umas nas outras, nos dizem Gilles Deleuze e Claire Parnet em seus *Diálogos* (1998), porém também podem existir pessoas que vivam em duas linhas ou apenas em uma, apesar de sua imanência.

Buscamos assim, através da formação vivenciada por nós, professoras/es-formadoras/es com o Cefapro/MT, polo de Diamantino, descobrir quais são as linhas que nos atravessam, na intenção de produzir e/ou adentrar suas molecularidades. Para tal partimos em busca da formação como forças vivas atuantes nos encontros. Que formação é

essa que atravessa nosso cotidiano e provoca sensações com potências tão diversas? Porque escolhemos este caminho e não outros? O encontro vivenciado como acontecimento nos permitirá responder aos nossos questionamentos? Transbordá-los, ultrapassando também a compreensão ou o conceito que temos da palavra formação? É uma tentativa também de sair das hierarquizações e das classificações presas na mesma.

Os encontros tomados como acontecimentos se colocam aqui como um falar com nossos movimentos formativos. Um fazer com nossos movimentos formativos. Fomos à busca da descoberta de como este acontecimento age no campo das sensações, dos *afectos*⁴.

⁴“O afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22). Um devir não humano.

Fomos à busca da formação como movimento de criação, da potência afirmativa da *formação singular*⁵, que é também potência de preenchimento, potência de desejo. Com as potências convocadas queríamos saber se havia a possibilidade de construir outros caminhos, que não aqueles das representações e dos modelos formatados que tanto nos angustiam. Como seria o mapa dessa formação? Que formação seria essa?

Também tínhamos ciência de que, mesmo desejando uma formação sem amarras, livre, nômade, sem ordenações, hierarquias ou condicionantes, era/é impossível uma ruptura total com a produção da subjetividade, pois estamos inseridas/os em uma sociedade composta por ideais universalistas, com poderes e saberes dominantes. Um lugar de

⁵“O singular não tem desejo de eternidade porque tem potência de se repetir diferenciando-se nos condensados de espaço-tempo que traça e faz emergir” (FUGANTI, 2008, p.12).

difícil liberdade criativa. Entretanto somos sabedoras/es de que as linhas de fuga existem e persistem. Estas podem se constituir em processos de singularização, os quais escapam aos discursos imperativos e formam moléculas capazes de criar novas danças-da-formação, sem os enquadramentos subjetivos do poder. Danças que promovem revoluções moleculares, que resistem ao movimento de serialização das subjetividades formativas individuais e coletivas. Estávamos cientes também de que a formação singular nasce de processos complexos e conflituosos, e de que a *máquina capitalística*⁶ pode estar contida em nossas alianças e em nós mesmas/os, em um constante perigo de

⁶“Guattari acrescenta o sufixo “ística” a “capitalista” por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do “Terceiro Mundo” ou do capitalismo “periférico”, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 15).

captura dos valores e sentidos, que se configuram como ideais dominantes e que se apropriam de nossa dança, tornando-a técnica e monótona. Fria e hierarquizada.

Saímos em busca das linhas de fissura, que não coincidem com as linhas duras, mas sobre uma nova linha imperceptível, que vai quebrando nossas resistências e nos modificando.

Já não se suporta o que se suportava antes, ontem ainda; a repartição dos desejos mudou em nós, nossas relações de velocidade e de lentidão se modificaram, um novo tipo de angústia surge, mas também uma nova serenidade (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 147).

Porém também somos sabedoras/es de que essas só se rompem porque estão em um plano fixo, assim os fluxos que se movem, e se movem coletivamente para desencadear uma ruptura, também podem contribuir para manter a forma, pois o movimento pode também ser apenas uma reação de medo da

mudança. Identificação de fluxos, de intensidades. Linhas emaranhadas, que comportam as linhas duras, as flexíveis e as *erráticas*⁷. Estamos na busca das três linhas atuando juntas em um movimento contínuo de circularidade.

Assim a construção da cartografia formativa com o Cefapro/MT ou da *dança-da-formação*⁸ ou ainda da formação-ritornelo se deu no sentido de promover uma geo-análise desses movimentos. Uma análise das linhas de

⁷Linhas erráticas são linhas de fuga, que não deixam de estar emaranhadas nas linhas duras e flexíveis, mas nos “fazem correr, entre os segmentos, fluxos de desterritorialização que já não pertencem nem a um nem a outro, mas constituem o devir assimétrico de ambos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 152).

⁸A dança-da-formação seria o fluxo do movimento, ou seja, a circularidade constante, o eterno retorno, o ritornelo, que comporta um *devir-formação*. “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão “o que você está se tornando?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.10).

composição, de latitudes e longitudes, movimentos-reposos e afectos, os dois elementos da cartografia.

Chama-se *longitude* de um corpo os conjuntos de partículas que lhe pertencem sob essa ou aquela relação, sendo tais conjuntos eles próprios partes uns dos outros segundo a composição da relação que define o agenciamento individuado desse corpo. [...] Chama-se *latitude* de um corpo os afectos de que ele é capaz segundo tal grau de potência, ou melhor, segundo os limites desse grau. *A latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação* (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.44).

O plano é infinito e podemos iniciá-lo de mil maneiras, sempre (re)compondo nossas relações entre velocidades e lentidões e afectos. Entre latitudes e longitudes. A cartografia seria a circunscrição das latitudes e longitudes. Por isso a formação que buscamos foge da formatação e dos modelos prontos e se põe em movimento-ritornelo.

O ritornelo se define pela estrita coexistência ou contemporaneidade de três dinamismos implicados uns nos outros. Ele forma um sistema completo de desejo, uma lógica da existência (“lógica extrema e sem racionalidade”). Ele se expõe em duas tríades ligeiramente distintas. Primeira tríade: 1. Procurar alcançar o território, para conjurar o caos; 2. Traçar e habitar o território que filtre o caos; 3. Lançar-se fora do território ou se desterritorializar rumo a um cosmo que se distingue do caos. Segunda tríade: 1. Procurar um território; 2. Partir ou se desterritorializar; 3. Retornar ou se reterritorializar (ZOURABICHVILE, 2009, p.95).

A formação-ritornelo é uma circularidade, o constante movimento em busca do que se repete, mas que se repete ritmadamente produzindo a diferença, assim nunca é um retorno do mesmo, mas uma constante chegada do estrangeiro ou ao estrangeiro. Um eterno voltar para casa (território conhecido), o que corresponde ao retorno da/o estrangeira/o, pois já não somos mais as/os mesmas/os (primeira tríade); ou retornamos a uma casa ainda por vir (segunda tríade). Esses movimentos não se dão

separadamente, acontecem todos ao mesmo tempo.

Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma “pose” (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro deveo um em-casa. Ora enxergamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 123).

Ora, ora, ora... são os três aspectos atuando juntos que constroem o ritornelo. Sendo o primeiro movimento a construção dos territórios, os quais são formados por meios. Meios são nascidos do caos, mas contra o caos, pois são intensidades sempre na iminência da exaustão.

Um meio é um “bloco de espaço-tempo” à volta do centro frágil constituído pelo ritornelo, bloco de vibrações instável, prestes a submeter-se a um código, a uma regra (que o transforma em território), e em permanente passagem para outro meio (transcodificação ou transdução) (GIL, 2008, p. 127).

É nos meios que as ações acontecem, mas é nos ritmos que elas se movimentam e se transformam, produzindo diferenças. O ritmo faz a conexão entre os meios, promove a transcodificação, ocorre no entre, entre-dois, entre-dois-meios. É aqui, no espaço intervalar, no vazio, que a diferença é produzida, por isso o ritmo é o *“Desigual ou o Incomensurável, sempre em transcodificação”*⁹, transformando, articulando e integrando elementos heterogêneos em um único pulsar.

Um território é formado por componentes de meios ritmados, ou seja, uma qualidade expressiva. Uma marca. Uma placa. A qualidade advém do meio e a expressão do ritmo.

A territorialização é um ato do ritmo devindo expressivo, ou dos componentes de meio devindo qualitativos. A marcação de um território é dimensional, mas não é uma medida, é um ritmo (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 128).

⁹DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 125.

Essa marca qualitativa é a assinatura do território, de um domínio, que nada tem de pessoal, mas podem ser utilizadas pelas pessoas como estandarte, bandeira, placa que marca nosso domínio, nossa casa. Porém essa assinatura também está em movimento e vai devir estilo. O estilo nasce das relações móveis entre as qualidades expressivas e as matérias de expressões.

De um lado, as qualidades expressivas estabelecem entre si relações internas que constituem *motivos territoriais* [...]. Por outro lado, as qualidades expressivas entram também em outras relações internas que fazem *contrapontos territoriais* (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 131).

As relações que as qualidades expressivas estabelecem internamente, com seus impulsos, ou externamente, com as circunstâncias, geram uma autonomia de expressão, que devém estilo. Esta autonomia de expressão, esse auto-desenvolvimento, é

estilo, marcas que definem um território, um domínio, marcas que lutam com as forças que batem à sua porta, por isso também “*são linhas de variação contínua*”¹⁰, que deslizam na esteira das linhas de fuga que cortam esse mesmo território. Pois os territórios já nascem com uma linha de errância, já em um movimento de desterritorialização, de abertura, mesmo que seja para reterritorializar mais tarde.

Ora se vai do caos a um limiar de agenciamento territorial: componentes direcionais, infra-agenciamento. Ora se organiza o agenciamento: componentes dimensionais, intra-agenciamento. Ora se sai do agenciamento territorial, em direção a outros agenciamentos, ou ainda a outro lugar: interagenciamento, componentes de passagem ou até de fuga. E os três juntos. Forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso se afronta e concorre no ritornelo (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 124).

As relações rítmicas são as responsáveis pelo interagenciamento, pois pelo vazio do entre,

¹⁰ GIL, 2008, p. 131.

abre canais com as forças cósmicas, o que provoca a desterritorialização.

Para que se produzam interagenciamentos, para que forças terrestres se juntem às forças do Cosmos, duas condições, pelo menos são necessárias: 1. a transformação das matérias de expressão em materiais de captura de forças heterogêneas; 2. a constituição de um contínuo variável, de uma linha de variação contínua capaz de dar consistência à coexistência de todas as forças capturadas e criadas (GIL, 2008, p.134).

A transformação das matérias de expressão em materiais de captura é feita pelo ritmo, pois *“é pelos ritmos do ritornelo que as matérias são capazes de captar forças heterogêneas”*¹¹. Assim entendemos que nossos movimentos formativos com o Cefapro/MT, ou a formação propriamente dita é um bloco de forças vivas, que podem ser capturadas e transformadas em uma forma móvel, em um plano de consistência. É o ritornelo que cria o plano, pois ao escapar de

¹¹GIL, 2008, p. 135.

forças territorializadas improvisa-se. Improvisação é criação, “*é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele*”¹². Já que a luta dessas forças vivas constituem componentes de passagem e são necessárias ao movimento contínuo ou ao ritornelo, que pode acontecer ou não.

O problema da consistência concerne efetivamente a maneira pela qual os componentes de um agenciamento territorial se mantêm juntos. Mas concerne também a maneira pela qual se mantêm os diferentes agenciamentos, com componentes de passagem e de alternância. Pode ser até que a consistência só encontre a totalidade de suas posições num plano propriamente cósmico, onde são convocados todos os disparates e heterogêneos (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 146).

Assim a consistência não é impor uma forma a uma matéria, mas é criar, elaborar uma matéria cada vez mais rica, mais consistente capaz de captar forças cada vez mais intensas. A consistência se torna mais densa

¹²DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 123.

quanto mais os heterogêneos se mantêm juntos sendo heterogêneos, sem homogeneizar, consolidando blocos de espaço-tempo, de coexistência e de sucessão.

Igualmente a formação-ritornelo ou a dança-da-formação, através de suas qualidades expressivas, devêm estilos. Todos os seus componentes heterogêneos juntos, coexistindo e se tornando mais consistentes, em ritornelo, reorganizando forças e funções. *“Vai e volta-se, e quando se volta o ponto de partida deslocou-se. A improvisação é um ritornelo. A improvisação é criação”*¹³. O eterno retorno, trazendo o mundo das diferenças, uma potência de afirmar.

Porém sabemos também dos perigos que compõe tal movimento, já que o mesmo pode parar e/ou seguir linhas de morte. É uma luta

¹³ GIL, 2008, p. 136.

constante de forças vivas que exigem ousadia e consistência, ou seja, força para manter juntos elementos heterogêneos, pois a cada instante se recria o caos, se refaz os territórios e se liga a linhas de fuga, desterritorializando-se.

Jogo de alto risco, risco de reterritorialização, de reestratificação das forças, risco de quebra de continuidade de linha, risco de intensificar o caos, a tal ponto que já dele não se pode sair. Risco, enfim, de falhar no próprio tecer do plano de consistência e da linha de variação contínua – pois é do seio do caos que nasce a consistência, não de uma regra propriamente dada (GIL, 2008, p. 136).

Aqui é o tornar-se a própria formação que está em jogo, tornar-se na, e ser a própria dança-da-formação, pois o ritornelo também depende das forças daquelas/es que o compõem, visto que a cada instante somos outras/os daquilo que fomos ou daquilo que

estamos por vir, ou como nos diz Manoel de Barros¹⁴

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.

Neste ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão
às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Estamos nas linhas de errância, nas metamorfoses, na criação das diferenças. Diferenças que nascem do movimento do eterno retorno, do ritornelo, nos meios e nos ritmos que devêm estilo, que se constitui como linha de experimentação, onde o acaso dança. Dança com a formação. Dança com nossos movimentos formativos com o Cefapro/MT.

¹⁴ BARROS, 2010, p. 374.

Vamos então ao mapa dessa formação, ou melhor, dessa dança-da-formação que nos propusemos a criar através da experimentação de encontros. Encontros com a formação. Encontros com a nossa formação. Encontros conosco enquanto professoras/esformadoras/es. Encontros com o Cefapro/MT.

Encontros em fotografias, em música, em poesia, em dança, em escrita. Dança-da-formação. Na busca de expressar as sensações convocadas, afecções provocadas para os encontros, com os encontros. Encontros com a formação-ritornelo. Cartografia do acontecimento.

Referências

BARROS, Manoel de **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 04. Tradução de Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012. (Coleção TRANS).

FUGANTI, Luiz **Saúde, desejo e pensamento**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed.: Linha de Fuga, 2008.

GIL, José Ritornelo e imanência. In **Nietzsche/Deleuze: jogo e música**. Org. LINS, Daniel e GIL, José. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

ZOURABICHVILI, François **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009. (Conexões, 24).

**ENCONTROS EM FOTOGRAFIAS EM POESIAS
EM MÚSICAS...**

Este caderno foi construído coletivamente com as/os professoras/es-formadoras/es¹, na tentativa de ultrapassar a linguagem escrita, querendo alcançar outras paragens: músicas, poesias, fotografias, encantamentos em encontros.

Nosso desejo é compartilhar alguns blocos de sensações aos quais fomos convocadas/os no decorrer dos encontros, apesar de estarmos cientes de que isso é (im)possível, mas como nos ensina Gilles Deleuze é preciso *um pouco de possível senão eu sufoco*. Este caderno então se põe como tentativa de não sufocar.

Assim, queremos dizer que os fragmentos de textos, trechos de poesias e músicas que compõem este caderno pertencem aos

ENCONTROS

Os fragmentos, trechos, fotografias se constituíram em ferramentas de composição com os encontros, demarcando também nossas (com)posições(com) com os encontros enquanto professoras/es-formadoras/es com o Cefapro/MT, com a formação. Uma tentativa de compartilhar nossos encontros em macerações de sílabas e desarrumação de vocábulos. Desarrumação de imagens/encontros. Imagens desfocadas/maceradas/rasgadas em poesias e músicas.

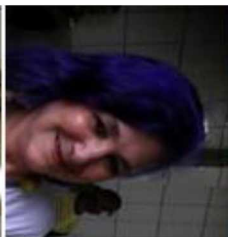
As fotografias também são frutos da coletividade. No início tentamos pôr autoras/es nas mesmas, porém elas tiveram a necessidade de se misturar às multidões que vivem em nós e viraram nossas. Portanto as montagens/desfocagens/macerações são fotografias coletivas, produzidas no calor dos encontros com os encontros. Macerações de imagens, desenhadas com a formação, com os encontros, com o Cefapro/MT. Um ensaio de pensamentos-imagens, querendo abrir feridas nos

encontros. Querendo deixar a ferida aberta. Um desejo de expressar e compartilhar imagens/encontros com a formação.

Cientes estamos também de que não conseguimos cartografar a totalidade das linhas de força que nos atravessaram durante ou que foram construídas com os encontros e continuamos embarcadas/os. Assim a cartografia se dá através das intensidades que nos povoaram em nossas conversas enquanto professoras/es-formadoras/es, com o Cefapro/MT, com nossos movimentos formativos, traduzidas em fotografias, músicas e poesias ou em desarrumações destas traduzidas em encontros.

Esperamos que sintam!

COMPOSIÇÃO (COM)POSIÇÃO POSIÇÃO(COM)



Nós, nos encontramos desatando os nós...



Toda vez que encontro uma parede
ela me entrega às suas lesmas.
Não sei se isso é uma repetição
de mim ou das lesmas.
Não sei se isso é uma repetição
das paredes ou de mim.
Estarei incluído nas
lesmas ou nas paredes?
Manoel de Barrosⁱⁱ



Eu sei que a gente se acostuma.

Mas não devia

Marina Colasantiⁱⁱⁱ



**O
E
N
C
O
N
T
R
O
É
U
M
A
F
E
R
I
D
A**



**ESTAMOS AQUI PARA
PARAR
REPARAR
(RE)PARAR**



MEIO



A gente se acostuma para não se ralar na
aspereza, para preservar a pele.
Se acostuma para evitar feridas,
sangramentos, para esquivar-se de faca e
baioneta, para poupar o peito.
A gente se acostuma para poupar a vida. Que
aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto
acostumar, se perde de si mesma
Marina Colasanti



Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu
saio por aí a desformar.
Manoel de Barros



Enxergar pelas frestas, pelas rachaduras...



Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Caetano Veloso



Descreve seu moço, a mulher descontente
De ser objeto do macho e senhor
Descreve esse sonho que levo na mente
De ser companheira no amor e na dor
Descreve do jeito que bem entender
Descreve seu moço
Porém não te esqueças de acrescentar
Que eu também sei amar
Que eu também sei lutar
Que meu nome é mulher
Padre Zezinho^{iv}





Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos
mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Manoel de Barros



Lenha na fogueira, lua na lagoa
Vento na poeira, vai rolando à toa
A cantiga espera quem lhe dê ouvidos
A viola entoa, solidão de amigos

A saudade lembra de lembranças tantas
Que por si navegam nessas águas mansas

Quando a cachoeira desce dos barrancos
Faz a várzea inteira se encolher de espanto
Lenha na fogueira, luz de pirilampos
Cinzas de saudades voam pelos campos
Jessé^v

**ESTAMOS AQUI PARA
RESISTIR
(RE)EXISTIR
DECIDIR
(DES)CINDIR**



No que o homem se torne coisal corrompem-se
nele os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
empoema o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos,
um inauguração de falas.
Coisa tão velha como andar a pé
esses vareios do dizer...
Manoel de Barros



**FAZER COM OS ENCONTROS
UMA (PO)(É)(LI)(TICA)
DO VIVER JUNTAS/OS
COM O QUE TEMOS...**

ADIAR O FIM



ACEITAR O FIM

MANTER ABERTA A FERRIL DA DO ENCONTRO



ⁱ Anderson Domingos da Silva; Beatriz Pandolfo; Eliane Piloni Soccol; Elza Costa Monteiro da Rocha; Hermógenes Benevides; Luiza Fátima Barros da Silva Duarte; Márcia Regina Gobatto; Maria Auxiliadora da Silva; Osvaldo Rodrigues de Sousa; Rosi Parma Timidati; Rosirene Bento da Rocha e Sirley Maria Fraga Borges.

ⁱⁱ Poeta mato-grossense que ama o Pantanal porque este lugar não tem limites. Suas palavras inspiraram nossos encontros porque elas lembram que o entendimento pode ser buscado tanto pelo exercício da inteligência como da sensibilidade. Esta é mais potencializadora porque permite transcender limites.

ⁱⁱⁱ Marina Colasanti é escritora e jornalista ítalo-brasileira. Todos os trechos dela que aparecem no livreto são da poesia *Eu sei, mas não devia*, a qual esteve presente em nossos encontros, nos ajudando a não nos acostumarmos com nada.

^{iv} Trecho da música *Canto da mulher latino-americana*, que nos ajudou a compor nos encontros o lugar da mulher. O lugar da mulher na formação com as/os professoras/es-formadoras/es.

^v Trecho da música *Solidão de amigos*. Música boa em dia de conversa à toa, pois amizades sinceras nos interessam.

ENCONTROS

Linhas de errância

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo em que subtrai passado e futuro com a emergência disruptiva.¹

Ferida é brecha, é fissura. Linha de errância. Aquilo que nos corrói, que nos convoca a *sensações*². Portal de passagem para outros mundos possíveis, outros encontros. Fuga. Encontrar-se é resistir, (re)existir, decidir, (des)cindir, parar, (re)parar, (des)parar. Afectar e ser afectada/o.

Encontrar é ir “ter com”. É um *entre-ter* que envolve *(des)dobrar* a estranheza que a súbita aparição do imprevisto nos traz. *(Des)dobrar* o que ela “tem” e, ao mesmo tempo, o que nós temos a lhe oferecer em retorno. *Desfragmentar*, nas suas miudezas, as quantidades de diferença

¹ FIADEIRO; EUGÉNIO, 2013, p. 01.

² “[...] composto de perceptos e afectos. Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 213).

inesperadamente postas em relação. Retroceder do *fragmento* (parte de um todo) ao *fractal* (todo de uma parte) (FIADEIRO; EUGÉNIO, 2013, p. 14).

Nossos encontros com o Cefapro/MT foram exercícios do conter-se, do não-julgar, do não-significar, já que os encontros só se tornam encontros quando são recebidos e retribuídos à altura. Desse aceite e dessa retribuição nascem os meios, que é onde as coisas acontecem. Improvisação. Improvisar o cuidado com o encontro. Acolher a estranheza do imprevisível. Cuidar do encontro e deixar esse imprevisível acontecer. Manusear, deixar as diferenças aflorarem. Ritmo. Um trabalho do transformar o saber em sabor. Saborear o encontro. Estar no meio. Estar no *jogo*³. Presente. Agora. Investimento necessário que nos convoca a parar e (re)parar nas

³“O jogo ideal, como Deleuze o desenvolve, é sem regras, sem vencedor e sem vencido. Ele é, antes de tudo, acaso, heterogeneidade” (LINS, 2008, p. 58). O jogo aqui é vida, pensamento, criação, improvisação.

forças vivas que nos atravessam. Encontrar-se é utilizar essas forças de tal forma que possam abrir uma brecha, uma ferida. E manter aberta a ferida é manter o encontro vivo como matéria para uma possível (re)existência, pois

a ferida é algo que recebo em meu corpo, em tal lugar, em tal momento, mas há também uma verdade eterna da ferida como acontecimento impassível, incorporal (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 79).

É como se a ferida já estivesse lá antes de nascermos e precisássemos estar à altura do acontecimento quando o encontrássemos. Isso é uma questão das relações entre velocidades e lentidões. Deste modo, quando se chega aqui, no encontrar-se, não há mais muito que fazer ou dizer. Há apenas o viver e o habitar o encontro, descobrindo o que deve ser acionado. *“Estamos em plena navegação sem ideias, no corpo a corpo da*

mistura com o que temos e o que nos tem"⁴. Confiar no acontecimento, no fazer junto. O encontro é convocado por presença, por pertencimento, pela afecção convocada. *"Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias"*⁵. Uma combinação frágil, mas com uma potência de vida que se afirma com uma força ímpar que transforma a paisagem, embora não seja possível dizer quando começou essa transformação. Confiança. Movimentos. Afectos. Abertura ao inesperado. Encontrar-se é entregar-se ao caos e experimentar com ele. É ter a coragem da entrega. Entregamo-nos e agora nos resta questionar: Como fazer com que os encontros existam por si? Como perceber se o composto de sensações criado poderá se manter em si mesmo? Como manter a ferida aberta? Até quando a relação aguenta? A exploração foi geográfica. Construção de mapas. (Re)invenção de mapas. Matéria para

⁴EUGENIO; FIADEIRO, 2014, p.306.

⁵DELEUZE; PARNET, 1998, p.14.

construção de encontros. Cartografia afectiva da formação com o Cefapro/MT. Alianças, núpcias, que se traduzem em interação com, em fazer com, em falar com nossos movimentos formativos. Geração de encontros com professoras/es-formadoras/es. Encontros com nossos movimentos formativos.

Para manter a ferida aberta ou para mantermos o encontro vivo, apostamos na criação coletiva. Apostamos no ritornelo. Fomos criando coletivamente motivos para o desencadeamento do ritornelo, que deveio formação-ritornelo.

A formação-ritornelo ou a nossa dança-da-formação extrapola o território do Cefapro/MT, indo ao encontro de outros territórios construídos e habitados por cada um/a de nós, professoras/es-formadoras/es.

Assim os *motivos*⁶ para o desencadeamento do ritornelo ou da formação-ritornelo, são os afectos e suas relações entre movimentos e repousos, velocidades e lentidões. Estes expressam a singularidade das linhas de composição de cada um/a de nós, mas também as transborda indo ao encontro de sensações, perceptos e afectos desconhecidos, desterritorializando-se.

A matéria para a construção do encontro com a formação-ritornelo começou a ser gestada ainda em 2009⁷, quando nosso primeiro encontro aconteceu, ainda que não soubéssemos disso naquele momento. Naquela época não tínhamos muita consciência sobre onde estávamos adentrando no que se refere às questões

⁶Os motivos são internos, os quais estão em relações com os contrapontos territoriais, que por sua vez estão em relações com as circunstâncias do meio externo. “Na verdade, os motivos e os contrapontos territoriais exploram as potencialidades do meio, interior e exterior” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 132).

⁷Ano em que entro no Cefapro/MT como professora-formadora da área das ciências da natureza/biologia.

formativas. Estávamos embarcadas/os nas linhas duras.

Embora muitas/os de nós já estivessem presentes no Cefapro/MT há mais tempo, as angústias, os medos e as incertezas eram as mesmas. Assim como as dificuldades em embarcar em linhas mais flexíveis, e mais ainda, em encontrar, ou mesmo saber da existência, de linhas de fuga. Porém fomos adentrando e procurando, apesar de não sabermos o quê, mas era a matéria constituinte do encontro de agora. Encontro com a formação-ritorno.

Na construção desse caminho muitas/os das/os componentes do grupo nos deixaram, assim como outras/os adentraram. Algumas/ns de nós, passeamos por diferentes (com)posições dentro da instituição, ocupando cargos de direção ou

coordenação de formação⁸, o que diferencia nosso olhar. Nesse percurso também foram realizadas várias pesquisas⁹, algumas publicadas e academiadas, outras permaneceram na marginalidade. Ficamos durante esse bloco de espaço-tempo ensaiando e inaugurando novos modos de estar juntas/os, sempre com um desejo de construção de uma formação que fugisse dos modelos habituais com os quais estávamos envolvidas/os, pois nossa singularidade requeria uma formação também singular. A inquietação provocada por essa formação-modelo e a ânsia da construção de uma dança-da-formação nos moveu para os encontros de agora. Um movimento cheio de percalços, de territorializações e desterritorializações, de medos e angústias, de

⁸Exerci o cargo de coordenadora de formação no Cefapro/MT, polo de Diamantino, nos anos de 2012 e início de 2013, quando entrei em processo de doutoramento.

⁹Concretizei minha pesquisa de mestrado entre os anos de 2010 e 2012, a qual teve por propósito central analisar a atuação do Cefapro/MT como espaço de formação continuada de profissionais que atuam na área das ciências da natureza.

alegrias e tristezas, de gritos e silêncios, de (re)paragens, de resistências e (re)existências. (Re)construção de mapas. Mapas e (re)existências que nos permitiram chegar aqui, no agora, no encontro com a formação-ritornelo.

No encontro de agora somos doze. Doze professoras/es-formadoras/es, que habitam diferentes territórios, ora na coletividade, ora em pequenos grupos, ora com outros grupos, ora solitariamente e ora nos encontramos no território chamado Cefapro/MT, nem sempre todas/os juntas/os. No encontro de agora procuramos preservar nossa heterogeneidade, pois pertencemos a diferentes áreas do conhecimento e temos diferentes ocupações dentro/fora do Cefapro/MT, o que nos faz embarcar em diferentes linhas de composição. Somos da área das linguagens, códigos e suas tecnologias (língua portuguesa); da área das ciências humanas e suas tecnologias (história, geografia, filosofia); da área

das ciências da natureza e suas tecnologias (biologia), da alfabetização (pedagogia), além das modalidades/especificidades de educação de jovens e adultos, educação do campo, tecnologia educacional e diversidade na educação básica. Somos também diretora e coordenadora de formação. Somos doze professoras/es-formadoras/es que nos dispusemos a nos encontrar e a nos desnudar, querendo ultrapassar o conceito da palavra formação, transbordar a forma, sair das hierarquizações e das classificações enclausuradas dentro dessa palavra tão desgastada na educação. De tal modo nos dispusemos a nos encontrar para uma formação sempre por vir, através da circularidade do ritornelo.

Nesse sentido, na perspectiva do acontecimento, os encontros com as/os professoras/es-formadoras/es com o Cefapro/MT e com a possibilidade da construção de um plano de composição de nossa própria formação realizamos,

no segundo semestre do ano de 2014 e no ano de 2015, a concretização de sete encontros presenciais e uma multiplicidade de encontros virtuais que se estenderam para 2016 e ainda estão presentes no agora.

Os sete encontros presenciais¹⁰ foram marcados pelo comparecimento das/os professoras/es-formadoras/es no território do Cefapro/MT, enquanto que os virtuais se deram de forma mais flexível, através de diálogos e (com)posições em pequenos grupos, de acordo com o interesse de cada um/a. Porém todos os encontros foram sendo planejados coletivamente, anunciando novos

¹⁰Os encontros presenciais foram realizados em intervalos de aproximadamente um mês, variando de acordo com a disponibilidade das/os professoras/es-formadoras/es, pois estes estavam em plena atividade cotidiana no Cefapro/MT. Porém, mesmo se tomando o cuidado de as datas serem adequadas para todas/os, ainda assim houve ocasiões do não comparecimento por motivos profissionais e/ou pessoais. Nesse sentido os encontros virtuais foram importantes para suprir a ausência dos presenciais.

modos de formação e composição de encontros, novos modos de estar juntas/os.

Acreditando na potência do encontro como experimento, como acontecimento, acionando uma escuta atenta, surge nossa cartografia formativa, intervindo e produzindo outros mapas, devindo estilo. Linhas ou paisagens de variação contínua. Deixando o acontecimento agir e invadir nossas multiplicidades como fazem os artistas...

o pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão de tal maneira coberta de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos traga a visão (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 262).

Assim o fizemos: apagamos, limpamos, laminamos, estraçalhamos, até começar a surgir a nossa dança-da-formação ou a formação-ritornelo com o Cefapro/MT.

Nosso primeiro encontro foi recheado de expectativas. Enchentes de informações expressas em uma verborragia desnecessária. Necessidade inútil de justificativa, de explicação de uma coerência inexistente, laços que teimavam em não se construir. Olhares interrogantes. Foi o encontro das (des)cisões, de decidir e (des)cindir o como fazer. Decidimos fazer com. Decidimos nos desnudar, por isso nessa cartografia não há pseudônimos, mas circunscrição de acontecimentos. Decidimos também filmar. Filmamos todos os encontros, o que nos permitiu a excitação da produção da dança *ao vivo*, mesmo sabendo que não era/é seguro, e nem há uma dança-da-formação pronta para ser descoberta, mas para ser criada e conquistada no trabalho cotidiano com o Cefapro/MT. Sabedoras/es também de que não há coleta de dados, mas produção. Produção cartográfica. Produção de mapa móvel. Construção coletiva momentânea.

Construção de ferramentas. Mapeamento do experimentável, não sem a angústia e o medo de os processos investigativos escaparem entre os dedos. De a atenção não ser suficiente, porém decidimos enfrentar o perigo e deleitar o momento, pois o afago foi estonteante. Sorrisos. Carinho. Palmas. Palmas para todas/os! Aplausos para o desnudamento, para a coragem da exposição de nossas misérias e singularidades. Como não ser diferente depois dos encontros? Como não aprender com a singularidade da dança-da-formação? Contudo temos clareza de não termos cartografado tudo, somente algumas cenas, algumas conversas, já que além de nossas limitações, a linguagem escrita também não nos permite expressar todos os afectos e movimentos e repousos. O enunciado ainda é mecânico e, muitas vezes, caímos na vala das explicações e interpretações. Mas também reconhecemos as singularidades da criação coletiva, da disposição

para dançar com. Inventar a dança com. Essa era a proposta: a invenção de um devir-dança-formação. Da construção da consciência de um ritornelo com a formação com professoras/es-formadoras/es com o Cefapro/MT.

Nos encontros, preferimos trabalhar com rodas de conversa e jogos¹¹, estes recheados de música e poesia. Apostamos no acontecimento, em encontros-formação mais leves, menos formatados, querendo ultrapassar a perspectiva que tínhamos de encontros formativos propriamente ditos.

Então trouxemos para os encontros: vídeos com poesia e música, fragmentos de textos, instrumentos musicais, jogos (Tangram¹² e Jogo

¹¹ Aqui estamos nos referindo aos jogos-ferramenta dos encontros.

¹² O Tangram é um quebra-cabeça chinês que contém 7 peças (2 triângulos grandes, 1 triângulo médio e 2 triângulos pequenos, 1 quadrado e 1 paralelogramo) com as quais é possível montar uma infinidade de figuras.

das Perguntas¹³). Composição de heterogêneos. Com a ajuda dessas ferramentas cantamos, jogamos, fomos músicas/os, também compartilhamos nossas angústias, medos, paixões, desejos. Medo/desejo de estar ali. Agora. No encontro. Com as ferramentas e as sensações convocadas pelas mesmas, construímos os encontros. Construímos nossa dança-da-formação ou a formação-ritornelo com o Cefapro/MT.

As ferramentas escolhidas para a construção dos encontros são fruto de um querer convocar sensações, um desejo de afecção. Um desejo de sentir as linhas de forças que nos atravessam. Um desejo de ensaiar uma nova forma de estar juntas/os com o processo formativo, porém sem o fantasma da formação-modelo. Por isso as

¹³“É um jogo constituinte do Modo Operativo AND, que é um sistema de ferramentas-conceito e conceitos-ferramenta de aplicabilidade transversal à arte, à ciência e ao quotidiano para a tomada de decisão, a gestão sustentável de relações e a criação de artefatos” (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2014, p.285).

ferramentas também se constituíram em improvisação. Ferramentas estas para despertar práticas de atenção. Atenção à potência de nossos processos formativos, sem o peso da obrigatoriedade que nos faz repetir o já previsto. Querendo desenhar novos mapas formativos. Embora, todos esses nossos medos e angústias estivessem presentes, pois na fuga sempre encontramos tudo aquilo de que fugimos. Deste modo quando menos esperávamos nos deparávamos com os fantasmas da formação-modelo, com aquilo que nos faz segui-la.

Quando entrei no jogo pensei na formação mais ampla, mas depois vi a figura que estava sendo formada e comecei a trabalhar nela também (Rosirene). Procuram-se modelos, quem inova é ignorado. É aquele que bagunça o jogo. Senti que tinham me destruído (Rosi).

A composição dos encontros com as/os professoras/es-formadoras/es foi precária. O caminho foi incerto. A construção foi no caminho.

Os encontros em fotografias, poesias e músicas estão referendados no caderno 3, o qual foi uma construção coletiva com o intuito de convocar algumas outras sensações e/ou afectos não possíveis de serem sentidos somente com a linguagem escrita. Sensações, afectos e perceptos que nos levaram à construção cartográfica que ora segue. Não sabíamos para onde os encontros iriam. Ninguém sabia! Foram improvisações e convocação de sensações no intuito de sairmos da zona de conforto. Um transitar na fronteira. Uma conversa com a formação. Um querer (com)pôr mapas. (Com)pôr dança(da)(na)formação.

Os sete encontros presenciais foram construídos a partir dos questionamentos primeiros circunscritos no caderno 1, quais sejam: que formação é essa que tanto nos angustia, que nos faz desejar fugir, mas que nos faz ficar? Como transformar essa formação em criação? Como desencadear uma formação que inclua a ética como princípio? Como

permanecer no meio e criar uma nova formação? Questionamentos que se tornaram multiplicidade de heterogêneos.

Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) (DELEUZE;GUATTARI, 2011, p. 23).

Os questionamentos primeiros nos fizeram caminhar por outras dimensões que se transformaram em uma multiplicidade de outros questionamentos, sempre em fuga para outras paisagens, para outras dimensões.

Três destes encontros foram instalados através de rodas de conversas, desencadeadas pelos questionamentos e pela improvisação. Conversas com a formação. Conversas com professoras/es-formadoras/es. Conversas com o Cefapro/MT. Os encontros com as rodas de conversa não foram realizados ordenadamente, sendo intercalados

pelos encontros compostos pela ferramenta-jogo, ou seja, mais três encontros, também desordenados. Além desses, realizamos um encontro com a música, o qual aconteceu no meio destes outros. Na circunscrição da cartografia dos encontros optamos também por não trabalhar com a cronologia ou a linearidade dos acontecimentos, por isso no texto que segue são circunscritas cenas e conversas escolhidas pelas sensações provocadas e não por ordenação ou cronologia.

Os encontros com as rodas de conversa eram iniciados e recheados por trechos de poesias ou música ou ainda poesia musicada, ou fragmentos de textos que nos convocassem às novas e (im)possíveis sensações. Querendo sair da tradição-modelo-formativo de leitura de textos acadêmicos, querendo explorar o que já habita em nós. Querendo mais sabor do que saber.

Eu imaginava textos. Que a gente iria estudar e ler juntos, mas seriam textos (Eliane). Fiquei apavorada quando decidimos concretizar os encontros, pois teria que ler mais. Seriam mais textos para ler. Teríamos tempo para isso? (Maria Auxiliadora).

Queríamos convocar sensações, embora não soubéssemos de antemão quais seriam convocadas. Queríamos uma outra formação (im)possível que saísse do já acostumado *deve ser*, embora este tenha permanecido em nosso meio, esperando brechas para se manifestar.

Vou pegar minha bolsa e vou-me embora, pois cada vez que nos encontramos mexe com minha cabeça. Minha cabeça está doendo (Maria Auxiliadora). Que poder temos para chegar para o outro e dizer que ele precisa de uma formação individual e também de uma formação coletiva para alcançar a dinâmica da formação propriamente dita? (Osvaldo). Pessoas sem nenhuma metodologia são capazes de fazer formação? (Anderson).

Com os encontros também surgiram conflitos/atritos, pois a proposta era ousada. Será que nossos encontros se concretizavam como

formação? O que é uma formação ou um encontro formativo? Buchichos. Burburinhos. Literalmente abandono de encontros. Não comparecimento ou não comparecimento parcial, pois o desejo e a curiosidade para com as conversas eram inevitáveis. Um chegar no meio era fatal. Um querer que rejeita. Dificuldade de conversar com. Dificuldade de agir em prol da formação como afecto e não como construção de lideranças. Domínio de egos. Alianças.

Eu preciso de mais. Vamos ficando exigentes conosco mesmo (Eliane). Não tenho essa disciplina do querer, às vezes fico sem fazer nada (Elza). Eu acredito que as mudanças não acontecem porque nós não estamos preparados para a liberdade de construção, a gente não sabe como lidar com isso (Rosi). Se cumprimos todas as regras não dançamos nunca (Luiza).

Conversamos muito com nossa (in)(en)formação acostuada, mecanizada, que vicia corpos e mentes (aquela com a qual estávamos mais habituadas/os), mas também reconhecemos

nossas linhas de fissura, abrindo feridas, transbordando esse território e indo ao encontro de um devir-formação, das alianças. Singularidade. Contágio. Dança-da-formação, que é sempre movimento, processo contínuo de desterritorialização, territorialização, reterritorialização. Ritorneio. Dança entre-dois. Meio. Ritmo. Devir-involutivo, pois quando se trata de devir não há tempo (passado, presente, futuro), já que não se trata de uma questão histórica, mas sim geográfica. Por isso involutivo, deserto¹⁴, sem início ou fim, somente meio. *Intermezzo*.

O devir é involutivo, a involução é criadora. Regredir é ir em direção ao menos diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, “entre” os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 19).

¹⁴“Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e floras” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.19).

Blocos de criação. Conversa com e não conversação ou debate entre professoras/es-formadoras/es, pois não é uma questão de domínio, já que este é dado pelo próprio encontro. Composição de corpos. Alianças. Alianças forçadas?

Nós estamos em um grupo muito diverso com conhecimentos também muito diversificado (Eliane). A formação tem toda essa questão do humano, mas também precisa ter a questão da ciência, não podemos fugir disso. Não tem como você brincar sem ter o conhecimento (Anderson).

Verborragias inúteis de um querer medir algo que é ritmo e não medida. Combate a um ego que ainda quer competir. Que ainda quer construir identidade. Precariedade. Com essa precariedade de alianças lançamo-nos na experimentação dos encontros. Na emergência do habitar o encontro. No cuidado com o encontro. Sem saber o que advinha. Sem saber para onde ir. Sem tempo nem espaço. Experimentação do inevitável, embora em muitos

momentos, a representação teimava em aparecer, o saber queria falar mais alto e a preocupação com uma formação que desse respaldo acadêmico, que se concretizasse em certificados e diplomas, entrava em pauta. Interpretação. Representação. Identidade. Em vários momentos o peso do modelo-de-professor/a-formador/a nos incomodava.

O que nos falta é a construção de conceitos, pois se não conseguirmos isso a formação será sempre um acidente e não um plano (Anderson).

Nesses instantes nos questionávamos: estávamos dispostas/os a nos expor e a nos arriscar na criação de uma dança-da-formação? Dispostas/os a habitar o caos e criar com ele?

Sim! E fomos habitando, tentando experimentar novos e (im)possíveis mapas de formação. Novos e (im)possíveis estilos de estar juntas/os. Experimentando nossas forças e intensidades para com eles. Ensaando nossa dança-da-formação, na

tentativa de puxar uma conversa e partilhar o esquecimento da velha formação. Querendo ser inocente como a criança das três metamorfoses do Zaratustra.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer sim (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

Sim! Sim para o jogo da criação. Queremos ser professoras/es-formadoras/es-criança. Mas como viver juntas/os em um mundo que é representado pela segmentação e pelas dualidades? Como viver o agora, o acontecimento? Podemos viver sem ideias e com o que há? Essas perguntas desligam a programação padrão, que requer sempre novas ideias na criação de uma realidade ideal colonizada, como nos ensina Fernanda Eugénio e João Fiadeiro. É um exercício do parar, (re)parar e reparar, ou seja, *“voltar a parar lá onde o acidente*

irrompe e nos interrompe"¹⁵. Encontros. Atuação coletiva, na tentativa da construção de um jogo do viver juntas/os, que provocou mais sensações que interpretações. Um jogo que nos fez agir juntas/os, ofertando nossas obras no encontro. Sem respostas prévias, sem ideias, apenas saboreando o momento. Os encontros nos possibilitaram nos olharmos enquanto gente, enquanto profissionais que trabalham o coletivo. Quanto esta relação aguenta/aguentará? Quanto tempo o coletivo se sustentará? Questionamentos que perambularam nossa mente na experimentação com os encontros, que nos fizeram pensar sobre nossa relação com a formação, com o Cefapro/MT.

Fica evidente que, em muitos momentos a gente está junto, mas estamos separados. Agimos separadamente. Esse enxergar de outra maneira é muito difícil (Sirley). Abrir para as possibilidades. Não existe nada definido. É permitido a ação dos diferentes, de cada particularidade (Hermógenes). Interessante a gente se perceber (Rosirene). Observar é muito importante (Luiza). Às vezes estamos só fazendo nossas coisas e esquecemos do outro, esquecemos que o

¹⁵EUGÉNIO; FIADEIRO, 2014, p. 289.

trabalho é coletivo. É tão sério isso, tão assustador, que a gente percebe a grande dificuldade de cada um de nós quando tem que ouvir o outro, prestar atenção no outro (Rosi). Quando a gente olha e está na velocidade acostuada só vemos aquilo que estamos acostumados a ver (Anderson).

Exercício do parar, reparar e (re)parar. Exercício do fazer com. Exercício do aprender a conviver. Exercício de inventar novos estilos de viver juntas/os. Fragmentos que estiveram presente durante os encontros. Percepções, afecções, devaneios, formação. Confiar na potência do encontro, confiar em nós. Entrega. Fazer com. Fazer de outra forma porque aquela não dava mais conta de nossos pensamentos. Encontros abertos ao devir, ao devir-dança-da-formação.

Quando a gente fala da novidade que é pensar de uma outra forma, fazer seria um segundo passo. Não dá para pensar de uma outra forma e fazer do mesmo jeito (Anderson).

Os três encontros construídos através da ferramenta-jogo (tangram e o jogo das perguntas) foram utilizados como ferramenta-exercício de um modo outro de viver juntas/os, mas com a possibilidade de um (re)começo quando necessitássemos, sem a responsabilidade do acontecimento real. Exercícios de simulação. Um laboratório do viver juntas/os.

No encontro com o Tangram, este foi apresentado virado de cabeça para baixo na mesa que abrigava a roda de conversa e no verso de cada uma das peças colocamos um questionamento. Cada um/a de nós pegava uma peça e íamos montando um novo desenho, um novo mapa, circunscrevendo nossas ações no Cefapro/MT. Os questionamentos contidos nas peças eram: 1) Onde está o coletivo? 2) Qual é a dor e a delícia de estar no Cefapro/MT? 3) Como vim parar aqui? 4) Consigo comparar quando cheguei e como estou agora?

5) Como experimento com o Cefapro/MT? 6) Desejos? 7) Espaço de formação?

Respostas? Ultrapassadas, transbordadas... A montagem dos mapas foi extremamente dinâmica. Quase (im)possível de acompanhar. Traço que indica tanto movimento contínuo, quanto individualidade excessiva. Um querer deixar a sua marca individual, esquecendo-se que somos multidão. Que estávamos ali para conversar com. Que estávamos ali para fazer alianças. Que estávamos ali para nos encontrar.

Não segue o que eu planejei. O movimento muda aquilo que você quer fazer (Rosi). Quando você coloca a pessoa ao seu redor é também um aprisionamento (Maria Auxiliadora). É normal a existência de pequenos grupos, em qualquer ambiente de trabalho isso acontece (Luiza). Muitas vezes não estamos interessados em sair da caixa, da instituição, em enfrentar ou questionar as regras, porque estamos muito ocupados em cumpri-las (Sirley). Fiquei apavorada (Eliane).

As (com)posições, as posições(com), construídas provocaram desvios, pois não estávamos/estamos

à procura de respostas, nem de histórias, nem de caminhos já trilhados ou conceituações. Um exercício de enxergar com a formação. Um exercício do cuidado com a formação. Uma formação-acontecimento. Porém um exercício difícil, um cuidado e um domínio do ego, pois o *“pensar em termos de acontecimento não é fácil. Menos fácil ainda pelo fato de o próprio pensamento tornar-se então um acontecimento”*¹⁶. É um transformar minha vontade pessoal em uma potência impessoal, extrair disso o acontecimento-encontro com professoras/es-formadoras/es.

São as escolhas: enfrentar ou voltar para a casca? (Elza). Não é que a gente não se vê como classe de professores, classe trabalhadora, como grupo que também é excluído. Não se trata de não querer se ver, mas são situações que nos levam a pensar assim. Inocência (Osvaldo).

Partimos então para uma aventura na busca de um ritmo, que deveio estilo. Não sem (re)existências.

¹⁶ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 80.

Na ânsia de uma dança que se estendeu além e aquém das fronteiras e limites do mapa-decalque, da cópia. Territorialização-desterritorialização-reterritorialização, no ritmo do ritornelo. Todas/os juntas/os cavoucando nossos próprios buracos, nossas tocas, remexendo e perturbando forças e controles. Transeuntes. Assim, a cartografia conquistada pode ser de quaisquer um/a ou de ninguém, sempre à espera do inesperado. O inesperado é o acontecimento, o experimento, o encontro. Qual a potência do encontro? A potência da dança-da-formação?

Quando vim para o Cefapro achei que teria tempo para estudar, mas as tarefas nos consomem (Luiza). Tem formador que faz um espetáculo, tem uma boa oratória, mas não diz nada (Eliane). Porque aquilo que eu penso não é importante? (Anderson). Eu sei das minhas responsabilidades! Não preciso ser cobrada o tempo todo (Sirley).

As perguntas fortes continuam sendo perguntas, não podem ter respostas, pois as respostas matariam a intensidade das perguntas. Assim,

perambulamos por labirintos, pelas margens, pelas bordas, pelos bastidores, pelos camarins. Longe da tranquilidade onde reina a razão ou o conhecimento puramente racional. Habitamos o meio e experimentamos a ansiedade antes da dança-da-formação, desencadeando o movimento-ritornelo. Querendo entrar na roda do eterno retorno com nossas misérias e singularidades. Inteiras/os.

Um outro encontro foi uma conversa musicada. Sensações convocadas por performance e canções. Performance do ser mulher na educação. Do estar presente profissionalmente. Do encontrar nosso lugar. O *em casa* do ritornelo. Um movimento feminista.

Amizades sinceras transcritas em palavras e canções. Canções inventadas. Canções tocadas. Canções convocadas pela saudade. Trazidas pelas histórias contadas e rememoradas. Canções de

agora. Canções que expressaram nossas dores e delícias¹⁷. Emoções contidas e extrapoladas.

O que está acontecendo? O que é esse encontro? Fiquei em pânico, assustada, imóvel (Rosirene). Ansiedade louca. A gente trabalha assim (Anderson).

Isso é formação? Cantamos. Dançamos. Choramos. Inventamos novas (im)possibilidades de estar juntas/os. Desterritorializamos a formação.

Esses encontros trouxeram muitos elementos novos, uma quebra das regras, pois às vezes, conseguimos pensar diferente, mas não conseguimos por em prática um fazer diferente. Agora conseguimos (Hermógenes). A educação é isso. Reconstruir o tempo todo. Inventar (Luiza). Importante nos percebermos, perceber o como nos tornamos o que somos. Os encontros nos fizeram lembrar coisas que estavam escondidas (Rosi).

A cartografia circunscreve a nossa dança-da-formação, com nosso olhar, pois quando cartografamos, cartografamos para nós

¹⁷Roubadas da música Dom de Iludir de Caetano Veloso.

mesmas/os, já que somos multidão. Devido a isso, nos encontros realizados nos sentimos incomodados/os com os movimentos das/os outras/os. Blocos de heterogêneos. Era inevitável um pé balançando, uma mão suada/trêmula/sem lugar, uma careta, uma saída, uma volta, uma revolta. Estávamos todas/os inquietas/os, à deriva. E talvez esse incômodo tenha nos provocado novas sensações. Sensações que nos permitiram enxergar pelas frestas, pelas fendas, pelas gretas. Sensações que nos permitiram deixar a ferida aberta, que nos possibilitaram deixar o encontro vivo, que nos permitiram dançar com a formação no ritmo do ritornelo. Luta entre as forças do caos, forças terrestres e forças cósmicas, que provocam e convocam sensações, que

não é carne, mas o composto das forças não-humanas do cosmos, dos devires não humanos do homem, e da casa ambígua que os troca e os ajusta, os faz turbilhonar como ventos. A carne é somente o revelador que desaparece no que se revela: o composto de sensações (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 236)

Dança-da-formação cartografada que convoca as sensações cotidianas da carne e que vai além e aquém das mesmas. Composições. (Com)posições. Posições(com). Afectos e perceptos em complementaridade.

A resposta, é claro, é, a um só tempo, pessoal e coletiva. Não se pode permanecer na vida, a não ser na velocidade conquistada. A subjetividade precisa de movimentos, de vetores que a portem, de ritmos (LINS, 2013, p. 63).

Somos fruto do que conseguimos ser, fruto de nossas velocidades e lentidões conquistadas, daquilo que não nos deixamos aprisionar, daquilo que experimentamos. Singulares como um beijo. Surpreendentes como o amor ao chegar. Blocos de sensações. Blocos de heterogêneos.

Cada um de nós conduz nossas dores de uma forma, mas em algumas pessoas essas dores influenciam diretamente o profissional, o percurso formativo. Outras pessoas conseguem deixar aquilo meio que de lado, machuca menos (Rosi).

A dor pode ser um motivo, uma linha de captura para o desencadeamento ou a inibição de um ritornelo. Vetores de forças que provocam sensações, abrindo feridas que possibilitam ver outras coisas, que possibilitam o trabalho com elas, que possibilitam o esquecimento e a transformação das mesmas em força desterritorializante. Encontros com nossas dores e delícias que nos possibilitaram

aprender sobre nós (Beatriz).

Encontros que nos possibilitaram lutar com conceitos e (pré)(pre)conceitos, pois

as pessoas vão falar que você é menos porque é negro, porque é mulher, porque é gay. E se você acreditar, você cai no jogo deles (Anderson).

Os experimentos traduzidos em encontros seriam então o como manejamos ou nos deixamos ser capturadas/os pelas linhas de forças que nos

atravessam. Na aprendizagem de transformar essas forças em intensidades que nos impulsionam para a vida. A velocidade ou a lentidão conquistada. Aquilo que tem força suficiente para nos por em movimento. Força o suficiente para nos fazer dançar. Com nossas misérias. Com as forças convocadas. Com as sensações provocadas.

Quando o movimento é desencadeado, quando nos chama, nos convoca, é impossível recusar. Desejo irresistível. Imprevisto. Estremecedor. Musical. Confiável. É quando você entende que é hora de dançar. Agora. Entre. Entre-dois. No Meio. Habitar o encontro torna-se então inevitável. Porém como fazer um encontro durar? Como fazê-lo existir por si? Cartografia que segue.

Outros dois encontros foram construídos com o jogo das perguntas. Jogo este, onde tudo é construído jogando-se. O tabuleiro é delimitado de acordo com o espaço que temos, as regras são

construídas em seu decorrer e as peças são *tralhas* como nos ensinou Fernanda Eugénio¹⁸, ou seja, quaisquer objetos que temos em mãos. Nós utilizamos objetos pedagógicos existentes no Cefapro/MT, assim como objetos pessoais¹⁹.

Um jogo em que o espetáculo é concebido enquanto “condição”, e não enquanto “condicionante”. Um jogo cujas regras emergem enquanto se joga, sustentadas na “consistência” (e não na “coerência”) do que se vive e do que a partilha. Um jogo que só acontece porque deixamos de nos ocupar em “saber por que” e nos concentramos em “saborear o que”, desdobrando “o que sabe” o acontecimento (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2014, p.287).

O jogo das perguntas é também um exercício do como viver juntas/os, o qual acrescenta nossa condição de experimento ao acontecimento nos questionando: “*como podemos viver “sem” ideia e*

¹⁸ O Jogo das Perguntas é uma criação advinda do encontro entre a Fernanda Eugénio (antropóloga) e do João Fiadeiro (coreógrafo), a partir da inquietação do como viver juntas/os.

¹⁹ Algumas imagens podem ser observadas nas fotografias do caderno 3.

*“com” o que há?*²⁰ Como podemos exercitar a formação que temos com as/os parceiras/os que temos, com os territórios que habitamos? Exercício de exploração da multidão que vive em nós. Improvisação. Percepção das linhas de forças que nos atravessam. Práticas de atenção.

As primeiras jogadas foram extremamente individuais, queríamos regras e lideranças para seguir. Busca incessante de modelos. Acidentes ignorados. Jogadas excessivas sem parar e (re)parar.

Pareceu-me sem coletividade (Rosirene). Esse coletivo é só um faz de conta? Quando a coisa aperta prevalece a ideia de um ou de outro? (Rosi). Se não for do meu jeito não quero mais, não vou mais. É isso? (Eliane).

Foi um disparar coletivo! Necessidade de (des)parar até encontrar o ritmo para responder os encontros à altura. Entre as velocidades e lentidões

²⁰ EUGÉNIO; FIADEIRO, 2014, p.286.

conquistadas. Quanto tempo a relação aguenta?
Quanto tempo aguentamos antes de criar nosso
próprio mundo? Resistências. (Re)existências.

Começamos conectados, mas quando a situação aperta,
iniciam-se as individualizações (Rosi). Eu fiquei totalmente
perdida (Maria Auxiliadora). O outro não me olha (Sirley). A
ação de membros do grupo assusta o outro, que se afasta
(Luiza).

Conjunto de inquietações à procura de ritmo.
(Des)territorializações (im)possíveis. Construção de
mapas para conviver. Para estar presente no grupo.
No agora. Gestão de um plano comum. Cuidado
coletivo com a formação. Cuidado com o encontro.

O problema é que, às vezes, a gente olha só de um ângulo.
Quando se olha de outros ângulos, você cria outras situações
(Maria Auxiliadora). Eu tenho que mudar para eu ficar aqui.
Tenho que dar continuidade ao mundo que entrei (Rosirene).
Agora trabalhamos mais coletivamente, prestamos mais
atenção no outro (Rosi).

Exercícios com (im)possíveis modos de atenção.
Exercício de manter o encontro vivo através do

cuidado com o plano comum, circunscrito pelo nosso tabuleiro. Sem lideranças. Controle contínuo do ego. Querendo alianças. Nos descobrindo...

Vamos fazer uma auto-análise. As nossas dificuldades de grupo apareceram: quem é mais individualista, quem não consegue produzir em grupo, quem quer passar na frente do outro, quem quer mexer no trabalho do outro, quem quer estar sempre em evidência (Rosi).

No laboratório, o jogo nos permite o fazer com, exercitando práticas de atenção que podem reverberar no cotidiano, na vida, na formação. Porém temos consciência que a construção da dança-da-formação só pode se concretizar através das revoluções moleculares que vivem em nós. Isto porque a singularidade da gestação de nossas ações caminha por conexões sempre novas, sempre próprias, apesar da tentativa de cooptação através das normas e modelos instituídos. Exercício contínuo de práticas de atenção.

Aprender tem muito a ver com sensibilidade (Anderson). As intensidades são diferentes, mas os movimentos são sempre possíveis (Eliane).

Revoluções moleculares, sensações e afectos que convocam a um devir-formação, que luta com a formação-instituída, pois é sempre um movimento de dupla captura. Sempre no perigo do aprisionamento. Um entre-lugares. Meio. Estar no meio é se constituir como meio. Experimentar com o meio. Tornar-se a própria coisa. Ser a coisa. Tornar-se a própria formação. Ser a formação ou ser digno dela, como nos ensinam Gilles Deleuze e Claire Parnet em seus *Diálogos* (1998) “*não ser inferior ao acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos*”²¹.

Ser a própria formação é chegar a um nível de consistência que traduza a emergência de qualidades próprias que desenham seu próprio

²¹ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 79.

território, até alcançar uma autonomia de expressão, que se torna independente dos personagens e das paisagens, enriquecendo a própria relação, devindo estilo. Está dado o território, que se traduz em uma *distância crítica*²², em que, ao mesmo tempo, uma diversidade de personagens rítmicos compõe paisagens melódicas. Assim “as paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo as paisagens”²³. Isso provoca um reagrupamento de forças e uma reorganização das funções, na emergência da função-trabalho. Porém, com isso, “o território já desencadeia algo que irá ultrapassá-lo”²⁴, desterritorializando-se. Nesse contexto a própria formação é uma paisagem sempre em transformação, está sempre de passagem, já que é atravessada por outras linhas de forças que ritmadas provocam transcodificações.

²²“A distância crítica não é uma medida, é um ritmo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 135).

²³Idem.

²⁴Idem, p. 137.

Nesse sentido, estamos cientes de que caminhamos entre os espaços lisos e estriados, na tentativa de um vagabundear nômade, que está sempre sujeito a ser aprisionado por forças que pretendem vencer uma *“vagabundagem de bando e um nomadismo de corpo”*²⁵. Assim estar no Cefapro/MT com as pessoas que o compõe, é inquietante, angustiante, porém somos sabedoras/es da existência das revoluções moleculares e cósmicas que vivem em nós, forças que atuam nos movimentos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, em uma constante luta entre as forças do caos, forças terrestres e as forças cósmicas. Buscas constantes por frestas, gretas, rachaduras que convocam sensações e afectos, formando um plano de composição. Composição de professoras/es-formadoras/es com novas e (im)possíveis

²⁵ DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 34.

(com)posições de formação. Posições(com) formação.

Nesse sentido, a potência do agir da/o professor/a-formador/a é a tomada de consciência de que somos compostos de linhas segmentárias, mas é pelas linhas de fuga que conseguimos alcançar outras possibilidades. Outras possibilidades formativas, que não é uma afronta ao instituído, mas uma valoração do humano. Da formação humana. Não é a destruição do instituído, da formação instituída, mas um pensar com, uma crítica aos seus pressupostos. Uma dança construída na coletividade, não uma imposição.

Quando a gente começa a fazer alguma coisa parece que vem uma sobrecarga: você tem que fazer. Então precisa largar tudo o que estava fazendo, o material que estava construindo e correr atrás de outro (Maria Auxiliadora). Eu nunca consigo ir embora no horário. Não dou conta. Sempre tem mais tarefas a cumprir (Elza). A gente percebe que precisamos avançar, mas ao mesmo tempo temos um monte de tarefas, mas também sabemos que não vamos muito longe só cumprindo tarefas. Sabemos que precisamos nos fortalecer enquanto pessoas e enquanto grupo (Rosi).

Como sair do aprisionamento de uma formação baseada no *deve ser*, na tarefa? Encontros. Ritornelo. Dança-da-formação. Conexões. Revoluções moleculares. Este é o risco: ficar presa/o ao *deve ser* e esquecer-se de embarcar em outras linhas. Enroscar-se nas estrias do espaço constituído. Esquecer-se de (re)abrir a ferida.

Entretanto essa mesma angústia pode ser transformada em força de desterritorialização. Isso é uma questão de olhar. Uma questão de parar, reparar e (re)parar, pois o essencial não é a forma da matéria, mas suas linhas de forças e intensidades. Alianças. Contágios. É transformar a matéria em resistência, em uma possível (re)existência.

Alcançar novos caminhos. Nossa vida é feita de caminhos. Toda formação é um percurso e esses percursos jamais vão se repetir, então a gente sempre caminha, mais e mais e mais

em busca do novo. Acho que é isso que me toca na formação, essa certeza de que nunca será a mesma coisa. Que eu sempre vou procurar e encontrar coisas novas (Anderson). Quando penso transformo, construo caminhos (Sirley). Cada um é uma potência. Cada um é uma resistência. (Beatriz). Somos floresta. Nossa potência é ser floresta e não árvore (Maria Auxiliadora). Quando vejo as possibilidades, luto por elas (Elza). Para mim luta é tudo. Todos os dias (Rosirene).

É saber que não estamos sozinhas/os. Somos bando. Somos matilha. Esse é o trabalho com a formação, pois não se trata de um domínio individual, mas o domínio da própria formação como território construído.

Ficou bem claro que não estou sozinha, pois onde joguei, veio outro e jogou do meu lado (Luiza).

O *em casa* da formação. O trabalho é o cuidado com a formação. Todas/os juntas/os cuidando da formação na sua molecularidade, nas suas entranhas. Essa é a revolução molecular que nos embarcou nas linhas de errância e nos fez

experimental o desconhecido. Improvisar. Criar. Acordar, cortar a carne e (re)abrir as feridas. Manter o encontro vivo, manter a ferida aberta.

Tem coisas que estavam tão silenciadas dentro de mim, mas que eu nem sabia o que era, mas queria (Rosirene). Eu experimento com a nossa convivência, seja ela nos momentos formativos, nossos encontros, estudos. O nosso experimentar é um desafio, um aprendizado (Beatriz).

O Cefapro/MT é um território paradoxal, que se junta com outros territórios contidos em nós, onde as coisas acontecem ou nos paralisam. Onde os planos se embricam, nos aceleram, nos dilatam, nos alongam, provocando blocos de sensações, nem sempre alegres, pois estamos sempre na fronteira, na iminência do perigo, da captura.

O sistema é veloz demais (Sirley). Parece que estou sempre em dívida (Rosi). Às vezes está todo mundo indo e eu sinto que também tenho que ir, mas será que já é hora de ir? (Anderson). As vezes as tarefas são tantas que a gente não dá conta (Luiza). Eu gostaria de ter mais tempo, deixar de ser tarefaira e ter mais tempo para estudar mesmo, ir mais longe (Maria Auxiliadora).

Como espaço paradoxal, o Cefapro/MT, é esse lugar de luta, resistência, (re)existência, mas também lugar de criação. A criação não permite a angústia, a culpa. Angustiamo-nos porque não estamos vivenciando o agora. O presente. Estamos no passado – que já foi – lamentando as coisas que não fizemos. Ou no futuro – nos angustiado com aquilo que ainda não veio. Viver o agora. Experimentar isso.

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência da criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Assim, movidos por esse paradoxo, somos continuamente forçados a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva (ROLNIK, 2014, p. 13).

Utilizarmo-nos da potência desse paradoxal é criar novas possibilidades formativas. É tornar o Cefapro/MT um espaço privilegiado para criações e

possibilidades. Possibilidades para o desencadeamento do movimento-ritornelo. Possibilidade para o desenvolvimento da dança-da-formação com as/os professoras/es-formadoras/es, com a formação, com o Cefapro/MT, através de encontros.

Tudo o que a vida e o acaso exigem de nós é que sejamos fortes, isto é, que saibamos selecionar nossos encontros e produzir, a partir de nós mesmos, os agenciamentos que nos fortaleçam para que sejamos dignos da beleza desse universo, para que possamos jogar com desenvoltura e liberdade e criar novas constelações, novos calidoscópios, novas diferenças, novos brinquedos (FUGANTI, 2008, p.90).

Promover encontros que façam vibrar as sensações, os afectos, que produza ações de matilha, de multiplicidades.

Um pensar com. (Eliane)

Um pensar com, que nos arraste ou nos assuste a ponto de nos por em movimento.

O que se quer com isso? Eu me assustei! Que formação é essa? (Rosirene). Exercitar a resistência e a saída do modelo. Experimentar (Luiza).

Sabemos que a saída é a matilha, o pensar com, alimentar os desejos, produzir alianças, pois cada vez que um desejo é aprisionado, morto, amaldiçoado, caímos na vala da traição. Traição de nós mesmas/os. Produção de angústias. Tarefas mecânicas. Trabalho forçado. Subjugação.

Os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem, atônitos, aos desmanchamentos de seus modos de vida. Passam então a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam. Esvazia-se o caráter processual (para não dizer vital) de suas existências: pouco a pouco eles vão se insensibilizando. A experiência deixa de funcionar como referência para a criação de modos de organização do cotidiano: interrompem-se os processos de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 38).

A castração dos processos de singularização constitui uma imensa fábrica de subjetividades, imbricada na culpabilização. Neste sentido os processos de singularização são vistos como vírus de um sistema operacional, que atrapalha, destrói, contamina as relações impostas. Sejam os vírus, nos contagiemos. Porém também sabemos que nem sempre nossas tentativas de singularização têm sucesso, muitas são difíceis de serem enfrentadas, mas apesar de estarmos imersos nessa miséria, nessa loucura, somos sabedoras/es também de que existem linhas de fuga. Que o entre-dois existe. A dança-da-formação pode ser produzida. Ritornelo.

Quando sinto desejo de ir além eu vou! (Luiza). Aquilo que me inquieta me leva a lutar. (Sirley). Nossa luta é pela formação (Beatriz). A construção do conhecimento é uma luta (Osvaldo). Existem muitos caminhos formativos, não existem percursos certos ou errados, apenas caminhos (Maria Auxiliadora). Cada um produz de onde a sua condição permite (Rosirene).

A percepção e a consciência de que vivemos em luta, de que não existem caminhos certos ou errados, nos faz embarcar em certas linhas de errância capazes de intensificar nossas forças e acionar a formação-ritornelo, com desejo, ética e alianças. Contágio. Percepção de que podemos enfrentar nossas culpas e iniciar uma revolução molecular, que nos permita (re)criar nosso cotidiano, transformando nossas ações formativas na dança-da-formação.

A ideia da revolução molecular diz respeito sincronicamente a todos os níveis: infrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação, etc.); pessoais (por exemplo, as relações de autodominação, aquilo que os psicanalistas chamam de Superego); e interpessoais (a invenção de novas formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa, profissional, na relação com a vizinhança, com a escola, etc.) (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.46).

É nos reinventado que caminharemos para os processos de singularização, cada um/a afirmando sua posição singular com o Cefapro/MT, se conectando às nossas multiplicidades de

professoras/es-formadoras/es, produzindo
 movimentos de resistência, para uma possível
 (re)existência. Produzindo singularidades.
 Produzindo dança, através do movimento-ritornelo.

Com nossos encontros saímos da gente (Eliane). Uma
 maneira poética de dizer o que tem que ser dito (Beatriz). A
 sensibilidade da poesia foi importante para nós (Sirley).
 Trouxe elementos novos, quebra de regras (Hermógenes).
 Abriu coisas que estavam adormecidas (Rosi). Aprendi muito
 com o grupo (Luiza). Quebrou a estrutura, o peso (Anderson).

Com nossos encontros dançamos.
 Experimentamos a dança-da-formação.
 Embarcamos em linhas de fuga que nos
 conduziram ao novo, ao experimento com a
 formação. Juntas/os! Nossas perguntas ainda
 continuam vivas. Não estávamos à procura de
 respostas, mas na busca de cartografar uma
 formação intensa, forte, que tem força suficiente
 para se transbordar e capturar as forças cósmicas.
 Um devir-formação-consistente. Um eterno retorno
 como ritornelo capaz de capturar as forças não

visíveis e não pensáveis do Cosmo, sempre no cuidado de não sermos capturadas/os e cairmos nas garras da reprodução, mas é um risco.

Encontros como produção de uma dança-da-formação, de uma formação-ritornelo. Acontecimento. Um cuidar do acontecimento com. Uma conversa com o ritornelo, que

age sobre aquilo que o rodeia, som ou luz, para tirar daí vibrações variadas, decomposições, projeções e transformações. O ritornelo tem igualmente uma função catalítica: não só aumentar a velocidade das trocas e reações naquilo que o rodeia, mas assegurar interações indiretas entre elementos desprovidos de afinidade dita natural, e através disso formar massas organizadas (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 176).

As perguntas continuam intensas, fortes. A dança-da-formação continua viva. A ferida continua aberta. Estamos em plena experimentação do encontro agora. Não sem resistências e (re)existências. Não sem atritos. Burburinhos. Incertezas. Na tentativa de (com)pôr mapas.

Ritornelo. Dança-da-formação com as/os professoras/es-formadoras/es, com a formação, com o Cefapro/MT.

O que ficou? O acontecimento. Onde estão os múltiplos questionamentos que nos puseram em movimento cartográfico? E aqueles que nos impulsionaram durante o processo? Aqueles que possibilitaram a montagem e a desmontagem de mapas? Todos transbordados e transformados em multiplicidades. Questionamentos (de)compostos na circularidade do ritornelo. Nenhuma resposta. Nenhum caminho pronto, mas o desejo de continuar caminhando, de continuar se encontrando. Conscientes de que o plano de consistência pode gerar a formação não pessoal que nos atravessa, o que nos fará embarcar no eterno retorno, produzindo diferenças naquilo que se repete. Exercício de atenção. Práticas de atenção aos fluxos formativos, que ritmadamente nos levam para outros mundos possíveis.

Os encontros me deixaram sem chão, preciso me desconstruir para estar presente nos processos formativos novamente (Sirley). Os encontros, enquanto criação podem ser realizados em qualquer paisagem (Maria Auxiliadora). Eu vivi muito. Aprendi muito com nossos encontros. Nos conhecemos enquanto humanos (Luiza). Com nossos encontros vi um outro ângulo da formação (Beatriz). Temos embarcado em processos formativos muito frios, mecânicos. Em nossos encontros não (Rosi). Os encontros vieram nos ajudar a pensar de uma outra maneira. Vieram nos falar das fugas. Vieram nos falar que somos outros. Que crio personagens quando me encontro (Rosirene). Os encontros produziram diferenças (Hermógenes).

Com os encontros estamos mais atentas/os, cientes da existência da formação-ritornelo. Cientes da (im)possibilidade da dança-da-formação com o Cefapro/MT, mas há sempre um risco. Risco de sermos capturados pela formação-modelo. Risco de nossa potência de agir ser minada. Risco da interpretação e da representação falarem mais alto, pois como nos ensinam Gilles Deleuze e Claire Parnet em seus *Diálogos...*

Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo

de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 75).

O acontecimento da cartografia possibilitou-nos abrir conversa com nossos processos formativos dentro/fora do Cefapro/MT, explorando também nossa potência de agir. Os encontros ainda vivem em nós. Só precisamos embarcar neles. Experimentar com eles. *Amor fati*. Querer o acontecimento, pois o que conta em um caminho, em uma linha é sempre o meio. Sempre estamos no meio de alguma coisa. Entre latitudes e longitudes. Porém há a necessidade do parar, reparar e (re)parar. (Des)parar para não disparar. Necessidade de encontrar-se entre nossas velocidades e lentidões.

O desafio é permanecer no movimento. No meio. No encontro. Permanecer no movimento-ritornelo. No ritmo do ritornelo. Na formação-ritornelo. Na

dança-da-formação. Por isso experimentemos!
Experimentemos nos encontrar e encontrar algo.

Nós encontramos a poesia...

Entrar na Academia já entrei,
mas ninguém me explica
por que essa torneira aberta
neste silêncio de noite
parece poesia jorrando...
Manoel de Barros

Referências

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix **O que é filosofia**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2ª Ed. 3ª Reimpressão. Revisão para 2ª Ed. Lucia Pereira de Lucena-Guerra e Ana Bustamante. São Paulo: Editora 34, 2004. (Coleção TRANS).

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 01. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 04. Tradução de Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012. (Coleção TRANS).

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 05. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 1ª Ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2007. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

EUGÊNIO, Fernanda e FIADEIRO, João Jogo das perguntas: o modo operativo “and” e o viver juntos sem ideias. In PASSOS, Eduardo et. all. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

FIADEIRO, João e EUGÊNIO, Fernanda **O encontro é uma ferida.** Lisboa: Ghost, 2013.

FUGANTI, Luiz **Saúde, desejo e pensamento.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed.: Linha de Fuga, 2008.

GIL, José Ritornelo e imanência. In **Nietzsche/Deleuze: jogo e música.** Org. LINS, Daniel e GIL, José. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

GODINHO, Ana Eterno retorno e jogo ideal – o roubo do ideal. In **Nietzsche/Deleuze: jogo e música.** Org. LINS, Daniel e GIL, José. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

LINS, Daniel Soares **O último copo**: álcool, literatura, filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. Deleuze: o surfista da imanência. In **Nietzsche/Deleuze**: jogo e música. Org. LINS, Daniel e GIL, José. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROLNIK, Suely **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

DANÇANDO COM A FORMAÇÃO

**Caderno construído coletivamente com
as/os professoras/es-formadoras/es, como
produto de nossos encontros:**

Anderson Domingos da Silva; Beatriz
Pandolfo; Eliane Piloni Soccol; Elza Costa
Monteiro da Rocha; Hermógenes Benevides;
Luiza Fátima Barros da Silva Duarte; Márcia
Regina Gobatto; Maria Auxiliadora da Silva;
Osvaldo Rodrigues de Sousa; Rosi Parma
Timidati; Rosirene Bento da Rocha e Sirley
Maria Fraga Borges.

Dedicamos este caderno à todas/os as/os
educadoras/es parceiras/os e
companheiras/os do Cefapro/MT,
especialmente do polo de Diamantino.

É com vocês que desejamos partilhar esta
aventura...

Vamos juntas/os!

*Aqueles que foram vistos dançando foram
julgados insanos por aqueles que não podiam
escutar a música.
Friedrich Nietzsche*

O que vocês encontrarão nas próximas páginas é a materialização de uma aventura coletiva, desenhada cartograficamente, e nascida do desejo de expor nossas conversas com o Cefapro/MT, polo de Diamantino. Nossas conversas com nossos movimentos formativos.

A materialização em forma de palavras não se constitui em um mapa/decalque sobre conceitos de formação ou modos de fazer formação, mas sim uma cartografia das sensações, ações, sentimentos, poesias, inspirações. Um mapa de nossas aventuras formativas.

A tarefa da/o cartógrafa/o

Segundo Suely Rolnik, uma de nossas inspiradoras, a tarefa da/o cartógrafa/o é dar língua aos afectos que pedem passagem.

Diz também, que a/o cartógrafa/o deve estar mergulhada/o nas intensidades de seu tempo, atenta/o às linguagens que encontra. Estas/es necessitam ser capazes de devorá-las para suas composições cartográficas.

Assim, ousamos cartografar e habitar nosso território existencial, o Cefapro/MT, na tentativa de também desterritorializá-lo, criando possibilidades para a concretização das multiplicidades formativas.

(D)ança

Um(d)ança

Multidão(d)ança

Mu(d)ança

(Cri)ança

(Crianç)ação

(Form)ação

(Cria)ação

(Improvis)ação

(Cartografiz)ação

A cartografia improvisa a criação da multidão
de formação criança que dança em nós.

Marciaⁱ

Por que a cartografia?

Porque a cartografia é um mapa móvel, que (re)cria mundos.

Cartografar é traçar um plano coletivo. Um plano comum. Um plano consistente. Descrição de experimentação, processos. Encontros.

Cartografar é intervir e narrar a intervenção. Compor/criar possibilidades novas dissolvendo o ponto de vista de quem vê. Captura de forças cósmicas a-humanas, a-significantes.

A cartografia nos dá acesso aos experimentos e também é capaz de modificá-los. Plano de intervenção.

A cartografia serve para conhecer o desconhecido, ousar, invadir, conquistar, conectar o inimaginável. O (im)possível para não sufocar.

A cartografia serve para plantar sementes que germinem e deem frutos, sejam eles de comer, de olhar ou somente de amar.

A/o cartógrafo/a é aquela/e que deixa marcas em sua passagem porque intervém, deixa sempre o seu rastro, como alguém que passa e deixa algo de si (mas que não é mais seu) para a/o próxima/o cartógrafo/a que também chegará, talvez com outros olhos, outras sementes, e que fará sua intervenção (que também não é sua), seu plantio, que darão novos frutos, novas aventuras, novas poesias, novas formações.

Cartografia é multiplicidade!

Cartografia produz multiplicidade!

Formação

Formar.

Por que não desenformar?

Sair das caixas...

Romper com as formas... com o deserto...

Isolamento... Secura.

Quebrar os amuletos, as fórmulas mágicas,
sair da Terra... Voarrrr.

Ir ao Pico da Neblina, se possível ao Everest!

E com os olhos de um *Buteo buteo*ⁱⁱ...

Retornar...

E de volta em voo rasante desnudar-se das
velhas roupas, sacudir a poeira, desvencilhar-
se do que não te serve mais, e sem tristeza ou
apego ir ao encontro do novo...

Não que te *enforme*, mas que te liberte, que
cause desconforto a tanta liberdade...

Que te possibilite deformar... Desconstruir e
reconstruir para novas ações...

Maria Auxiliadora

O início...

O Cefapro/MT nasce da inspiração que advém de dois centros de formação anteriores, o Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefamⁱⁱⁱ), que era um programa do governo federal, instituído através do movimento de professoras/es da época (década de 1980). O movimento lutava para melhorias salariais, melhores condições de trabalho e formação profissional.

O segundo centro nasceu quando o Cefam foi extinto na Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus, em Rondonópolis/MT (1996), pois o grupo que estava à frente das formações considerou necessário manter tais ações e deu origem ao Cefor (Centro Permanente de Formação de Professores). A organização desse Centro se distinguia de outras ações até então desenvolvidas no Estado, pois foi um trabalho elaborado e gerido pelas/os

próprias/os docentes, com destaque para o fato de o Cefor não possuir vínculos institucionais.

O Cefor cresceu e ampliou suas ações formativas, ampliando também a participação das escolas públicas (estaduais e municipais), além de obter o apoio da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* de Rondonópolis (UFMT/CUR) e do Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público (Sintep/MT). A validade de tal experiência levou a Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer (Seduc/MT) a idealizar esse centro como uma política de Estado.

Assim em 1997, através do Decreto Estadual nº 2007/97, o governo do estado criou o Centro de Formação e Atualização do Professor, primeiramente restritos aos municípios de Rondonópolis, Cuiabá e Diamantino, porém, diante dos muitos problemas relativos à formação de

professoras/es, Mato Grosso se lança como piloto no Programa de Formação de Professores Leigos (Proformação^{iv}) também coordenado pelo governo federal.

O referido programa motivou a instituição do Decreto Estadual nº 2319/98, que autorizou a criação de mais 05 (cinco) polos do Cefapro/MT, sendo estes localizados nos municípios de Sinop, São Félix do Araguaia, Matupá, Juara e Cáceres. Em 1999, o Decreto Estadual nº 53/99 permitiu a criação de mais 04 (quatro) polos, Juína, Alta Floresta, Barra do Garças e Confresa.

A legislação estadual, através da Lei nº 8405/2005 ampliou a atuação do Cefapro/MT a todas/os as/os profissionais da escola, o que ocasionou a mudança de nomenclatura e objetivos pedagógicos e administrativos do mesmo. Isto posto, o Cefapro/MT passou a se chamar Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do

estado de Mato Grosso. Nesse novo contexto, mudou também sua função, que assumiu a tarefa de promover o processo de formação continuada, de fomentar o uso das tecnologias e de possibilitar a inclusão digital para todas/os as/os profissionais da educação básica.

Para abranger a totalidade do estado, em 2005, através do Decreto Estadual nº 6824/2005, criou-se o polo de Cefapro/MT de Tangará da Serra. Em 2009, pela Lei Estadual nº 9072/2009, mais dois polos foram constituídos, Primavera do Leste e Pontes e Lacerda, totalizando o quadro de quinze polos existentes atualmente. Esses 15 (quinze) polos de Cefapro/MT estão localizados em municípios estratégicos, para que possam atender os 141 municípios do estado e suas respectivas escolas.

Para cumprir seus objetivos, as/os profissionais que atuam nos diferentes polos

constituem o quadro de professoras/es-formadoras/es das diferentes áreas do conhecimento e suas respectivas disciplinas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (espanhol e inglês), Artes, Educação Física); Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia), Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (Biologia, Química, Física e Matemática), Alfabetização (Pedagogia), além das modalidades/especificidades: Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Indígena, Tecnologia Educacional, Profissional da Área 21, Educação Quilombola e Diversidade na Educação Básica. Além das/os professoras/es-formadoras/es há também um/a diretor/a e um/a coordenador/a de formação.

Nós, as/os professoras/es-formadoras/es somos responsáveis pela execução de todos os projetos e programas da Seduc/MT, bem como, por aqueles fruto do desenvolvimento de parcerias com o Ministério de Educação (MEC), Secretarias Municipais de Educação (SME) e Instituições de Ensino Superior (IES), no que se refere à formação continuada e inclusão digital das/os profissionais da educação básica, que atuam na rede pública do estado de Mato Grosso.

Somos também co-responsáveis por nossa formação, através de um grupo de estudos organizado em cada polo do Cefapro/MT. Este grupo é gerido pela/o coordenador/a de formação em parceria com todas/os as/os professoras/es-formadoras/es. Destaca-se que este grupo não é nosso único processo formativo. As formações acontecem de acordo com as ações do Cefapro/MT.

Inacabado...

O mecânico não nasce mecânico, o médico não nasce médico.

O astronauta não nasce astronauta.

O *político* não nasce *político*.

O professor não nasce professor.

O *bandido* não nasce *bandido*.

Ninguém nasce pronto e acabado, ninguém sabe mais do que o outro porque nasceu sabendo, uma vez que isso ocorre por vários motivos, a saber: oportunidade, dedicação, interesse, condições, etc.

Portanto, todo caminho construído, todo plano edificado são assegurados através dos passos que foram trilhados, dentro das condições estabelecidas.

Osvaldo

O que é o Cefapro/MT para nós...

Primeiramente o Cefapro/MT é vida. Lugar que nos faz entrar em movimento-ritornelo. Intensidades. Desejos. Devir.

Lugar que nos permite criar. Desterritorializar, mas também lugar que aprisiona. Territorializa. Um lugar onde se perde os sentidos para depois (re)criar novos territórios, desterritorializá-los e reterritorializá-los novamente. Ritornelo!

Capaz de produzir linhas de fuga que desmancham seu desenho fixo e cria fluxos.

Cefapro/MT é lugar de descobertas. Construção e reconstrução, encontros e desencontros. É lugar de vozes e de silêncio. Lugar de possibilidades. Lugar de sensações, de intensidades conectivas. Lugar do liso. Lugar do estriado.

Paradoxo: noite e dia; sol e lua; formação e enformação.

O Cefapro/MT é lugar de inconstância. Do saber e do conhecer, mas também do aprender e desaprender. Lugar do sabor. Lugar de múltiplas interfaces, quebras, desconhecimentos, desconstruções.

Um lugar deserto!

Lugar do sólido, mas também do líquido e do gasoso. Lugar dos encontros fugazes ou perenes. De encontros alegres ou tristes; potencializadores e despotencializadores.

O Cefapro/MT é local de trabalho, estudo, relações, encantos e desencantos. Um lugar de movimentos, de sensações e desejos. Lugar de descobertas, reconstruções, revoluções. Lugar de viver!

Composições^v...

A PALAVRA assevera, anuncia o incumprível por meio da sua própria luzência obscura, da intensa paradoxalidade que a atravessa, a disseca e a desfibra, incorporando simultaneamente movimentos silenciosos e acústicos _ assim _ as ex-critas profanadas pelos contrastes do sagrado, se transformam entre os espaços de cosmicidades feiticeiras, os magnetismos da estranheza, as quedas horizontais e as experimentações estéticas da fissura dançante onde os corpos se entregam à fascinação das margens da sombra do abismo, tensionando o pensamento clandestino e buscando as composições dos bosquejos, dos rastros que vivem em desapareção refractada e refractante: estamos perante os limites das teceduras coreográficas dos signos que indiferenciam a vida e a morte ao prolongarem os desertos das línguas nômadas, dizem: dispersão de vozes num

vazio intermitente, trespassado por sensações desorientadas, sem ponto de partida, nem pontos de chegada e o sangue das tentativas de um movimento é sempre arrancado às tatuagens múltiplas que absorvem todos os tempos para convergir num só tempo ziguezagueante!

Salto quântico do gato de Schrödinger^{vi}!

Luís Serguilha^{vii}

O que é formação para nós...

Para nós a formação é nômade. Andarilha. Perigosa. A formação para nós é criação, que também é sinônimo de experimento, que também é sinônimo de dança, que é também sinônimo de transformação.

A formação nos permite a saída de nosso local domesticado. Uma necessidade. Formação é permitir-se ir além. Sair da fôrma. Metamorfosar-se. É singular. É desejo. São sabores e desabores. É movimento constante, como os rios que contornam os obstáculos, que criam possibilidades outras. É vislumbrar outros horizontes. Não é finito. Infinito! É jogo de alto risco. Risco de reterritorialização. Risco de intensificação do caos.

Formação...

O verbo formar tenta expressar:

Construir,

Compor,

Ordenar,

Fundar,

Criar,

Instruir-se,

Colocar-se ao lado de,

Desenvolver-se,

Dar-se um ser, ou seja, ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito.

Formar, com forma, processo de um conjunto de procedimentos, de ações que dão forma.

A formação.

Simples assim.

Elza

O que é formação para nós...

A formação é uma necessidade! Não no sentido de regra, mas do desejo. É busca, paciência, persistência. Determinação, metamorfose. É viajar, aventurar-se, criar e criar-se. Voar. Voemos juntas/os. Voemos em bando.

Formação é ação constante, todo instante, a vida toda. É buscar sem saber o que, mas saber que se encontra no buscar. É permitir-se experimentar, acertar e errar. É mar, é infinita. É constante transformação. É sair da zona do confronto e ir para o novo, o incerto, o desejado. Erva daninha.

Four Maças = Trabalho formativo

Four – Maça – oh! Ou é forma-ação?
Ação-de-Formar. De dar uma Forma.
Forma de maçã
Dar forma ao trabalho de ensinar a ensinar
Ensinar a ensinar são dois trabalhos
Pensar o que ensina
Pensar o que se faz
O que se faz carece formação
Para ensinar é preciso ação
Ação e reflexão
Mas a Forma-ação
Só se four-maça-oh!
Se forma-a-ação
Não tem educação
Forma-a-ação é trabalho de instituição
Four-maça... Oh! É quatro
Daí tem divisão, trabalho a quatro mãos!

Anderson

A formação com o Cefapro/MT...

A formação com o Cefapro/MT para nós é crescimento. A coletividade proporciona encantos e desencantos. E no decorrer dessa caminhada, vamos fazendo e nos refazendo. Caos. Local do tudo é (im)possível. Multiplicidades.

Tarefas.

Deveres.

Alegrias.

Devires.

A formação com o Cefapro/MT é tarefa árdua. Atemporal. Estudo compartilhado. Caminho compartilhado. Agir. Intervir. Relações, revelações, conflitos.

Companheirismo.

Envolvimento.

Comprometimento.

A formação com o Cefapro/MT é eterno retorno (à moda Nietzsche). O eterno retorno ao diferente. Construção, desconstrução e reconstrução. Ritornelo (à moda Deleuze e Guattari). Territorialização, desterritorialização, reterritorialização. O eterno retorno do estrangeiro ou ao estrangeiro à procura do *em casa*.

Ora, ora, ora. Parecem três movimentos distintos, mas é um único. Ritornelo!

Na formação com o Cefapro/MT, ora não sabemos para onde ir, não sabemos a formação a apresentar. É o caos. Ora a regra se instala, a ordem prevalece e a fôrma está pronta. É o território. Ora o movimento acontece, a brecha aparece e deixa a luz entrar. São as linhas de fuga em ação. É a desterritorialização.

Criação.

Movimento formativo.

Improvisação.

Formação-ritornelo.

Assim também consideramos a formação vivenciada com o Cefapro/MT, uma (com)posição, uma posição(com), sempre em movimento.

Ora, ora, ora, em um movimento circular que não é homogêneo, mas constante, dando saltos heterogêneos. Constantemente em movimento. Em uma luta de forças. Forças essas que nos convocam ao movimento, ao devir, ao devir-formação, que vai do caos ao território, mas ultrapassa-o.

Nossas inspirações e encantamentos...

Procuramos fazer revoluções moleculares. Por isso nosso encantamento com a filosofia da diferença, que possibilita a potencialização da atenção ao molecular e ao agora.

O presente. A formação com o presente. Só se faz formação no agora, pois o que nos interessa é o avesso do avesso do avesso (roubado de Caetano^{viii}) da formação.

Linhas de fuga que nos permitam escapar dos discursos imperativos, que nos permitem formar moléculas capazes de criar novas danças-da-formação, sem os enquadramentos subjetivos do poder.

Danças que promovam revoluções moleculares, que resistam ao movimento de serialização das subjetividades formativas individuais e coletivas. Linhas de intensidades

novas (roubadas de Deleuze e Guattari), que nos deem novas possibilidades. Singularidades construídas no presente, no processo, enquanto se faz.

Nosso desejo é encontrar sempre uma linha de fuga, que nos permita ir ao encontro de uma formação nômade, livre, criativa. Caminhamos no perigo da fronteira. Isto porque na dança corremos sempre o risco de cair, de a cortina não se abrir, de a plateia não comparecer. Risco de não dar conta de ultrapassar o caos. Risco de não alcançar o caos. Risco de permanecer no caos. Dança-da-formação arriscada, em fuga.

Nossas inspirações advêm das multidões contidas em nós, das multiplicidades formativas, da singularidade. Formação que não chega nem termina. Inspirações e encantamentos que não acabam, pois como diz Manoel de Barros^{ix} nenhum-lugar é o melhor lugar de um poeta chegar.

*Aprendi a andar: desde então corro.
Aprendi a voar: desde então não quero ser
empurrado para sair do lugar.
Agora sou leve, agora vôo, agora me vejo
abaixo de mim, agora dança um deus através
de mim.
Assim falou Zaratustra.*

Nossas/os intercessoras/es...

ROLNIK, Suely **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix **O que é filosofia**. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. 2ª Ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 01. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 04. Tradução de Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 05. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 1ª Ed. 3ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2007.

GOBATTO, Márcia Regina **Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso: um olhar sobre a área das ciências da natureza**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá (MT): Instituto de Educação/UFMT, 2012.

MATO GROSSO. Secretaria de Educação e Cultura. **Lei nº 8.405/2005**, que dispõe sobre a estrutura administrativa e pedagógica dos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: Seduc, 2005.

_____. Secretaria de Educação e Cultura. **Decreto nº 2.007/1997**, que dispõe sobre a criação de Centros de Formação e Avaliação do Professor. Cuiabá: Seduc, 1997.

_____. Secretaria de Educação e Cultura. **Decreto 2.319/1998**. Dispõe sobre a criação de Centros de Formação e Atualização do Professor. Cuiabá: Seduc, 1997

_____, Secretaria de Educação e Cultura. **Decreto 0053/1999**. Dispõe sobre a criação de Centros de Formação e Atualização do Professor. Cuiabá: Seduc, 1999.

_____. Secretaria de Educação e Cultura. **Decreto 6.824/2005**, que dispõe sobre a criação de Centros de Formação e Atualização. Cuiabá: SEDUC, 2005.

_____. Secretaria de Educação e Cultura. **Lei 9.072/2009**, que dispõe sobre a criação de Centros de Formação e Atualização. Cuiabá: SEDUC, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SERGUILHA, Luís **Kalahari**. São Paulo: Ofício das Palavras, 2013.

ⁱ Os textos autorais que aparecem no decorrer deste caderno são inspirações de professoras/es-formadoras/es nos e com os encontros. Se caracterizam por serem frutos do desejo momentâneo da produção escrita e não obrigação, devido a isso só algumas/ns os produziram.

ⁱⁱ Águia. Ave de rapina.

ⁱⁱⁱ Os Cefam eram centros de formação advindos de parcerias entre o governo federal e os estados no intuito de formar professoras/es leigas/os em nível de Magistério, porém trazia uma proposta inovadora frente aos programas de profissionalização da época, os quais tinham a tecnização como base.

^{iv} O Proformação era um programa do governo federal, coordenado pela Secretaria de Educação à Distância. Era um curso em nível médio, com habilitação para o magistério na modalidade Normal, realizado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com os estados e municípios.

^v Este texto é fruto dos bons encontros. Foi produzido por Luís Serguilha depois de ter lido trechos do quase-texto-da-quase-tese. Um presente!

^{vi} Experimento realizado pelo físico alemão Erwin Schrödinger, baseado em princípios da física quântica, para ilustrar o fenômeno da superposição, em que uma partícula estaria simultaneamente em duas situações distintas, até que uma medição feita por um observador externo fizesse com que esse estado duplo entrasse em colapso e a partícula fosse vista em uma única situação.

^{vii} Poeta e crítico português. Autor de várias obras de poesia e ensaio.

^{viii} Trecho da música Sampa de Caetano Veloso.

^{ix} Poeta mato-grossense. Poeta das miudezas.